

Nação, nacionalismo e democracia em  
Jaime de Magalhães Lima

(Vidas & Ideias; 2)



MANUEL J. G. CARVALHO

Nação, nacionalismo e democracia em  
Jaime de Magalhães Lima

*Prefácio de Luís Machado de Abreu*  
*Professor do Departamento de Línguas e Culturas*  
*da*  
*Universidade de Aveiro*

*Centro de Formação José Pereira Tavares*  
*Aveiro, 1998*

Título	<i>Nação, nacionalismo e democracia em Jaime de Magalhães Lima</i>
Autor	Manuel J. G. Carvalho
Prefácio	Luís Machado de Abreu
Editor	Centro de Formação José Pereira Tavares (Escola João Afonso de Aveiro, Rua das Pombas, 3800 Aveiro)
Colecção	Vidas & Ideias; n.º 2
©	Autor
Fotografia na capa	Jaime de Magalhães Lima: reprodução do retrato em similigravura dos ateliers Marques Abreu, inserido in LIMA, Jaime de Magalhães – <i>Côro dos Coveiros</i> . Porto: Edições Ilustradas Marques Abreu, 1923. 53 p. Poemas.
Composição	Autor
Execução gráfica	
1ª edição	Aveiro, 1998
Depósito Legal	
ISBN	972-98233-1-6
CDU	94 (469) "18" 929 LIMA, Jaime de Magalhães

## *Sumário*

<i>Nota Prévia</i>	9
<i>Em jeito de prefácio, por Luís Machado de Abreu</i>	11
<i>1. Os itinerários limianos</i>	15
<i>2. O pensamento sócio-político de Jaime de Magalhães</i>	47
<i>2.1. O liberalismo</i>	47
<i>2.2. Nação e nacionalismo</i>	55
<i>2.2.1. A nação portuguesa</i>	61
<i>2.2.2. O nacionalismo de Jaime de Magalhães</i>	74
<i>2.3. Democracia e sistema representativo</i>	79
<i>3. Conclusão</i>	89
<i>Bibliografia</i>	92



### *Nota Prévía*

Seduzidos que fomos pela obra de Jaime de Magalhães Lima (1859-1936), e pela personalidade que dela transparece, impôs-se-nos a divulgação deste pensador aveirense, profundamente universalista, anti-xenófobo e anti-racista, muito mais oitocentista que do nosso século, mas nem por isso menos actual em muitas das suas denúncias, bastando atentar no que à nossa volta borbulha, como o permanente reacordar de velhas e decantadas doutrinas anti-humanistas, sejam elas as da superioridade rática ou dos nacionalismos estreitos.

Trabalho académico, elaborado no âmbito do Mestrado em Estudos Portugueses, da Universidade de Aveiro, para a disciplina «A Identidade na Cultura Portuguesa da Modernidade» leccionada pelo Professor Doutor Machado de Abreu, autor do prefácio, publica-se aliviado dos pesados anexos que primitivamente o vestiram. As notas de rodapé foram em parte mantidas porque indispensáveis à contextualização de sucessivas afirmações ou porque indicadoras das fontes bibliográficas utilizadas.



*Em jeito de prefácio*

*Muitas podem ser as funções da instituição literária chamada prefácio. Com ela exorciza-se a timidez de autor e texto que procuram público, prepara-se o leitor para que se deixe surpreender pelo tema, justificam-se ousadias de análise, invenções e novidades de escrita, desculpabilizam-se mediocridades, ajustam-se contas velhas ou recentes, cozinham-se reputações. Para este arraial e muito mais servem prefácios.*

*Assim sendo, sirva-nos este de pretexto para vincar a oportunidade e excelência do contributo trazido agora à magra bibliografia passiva de Jaime de Magalhães Lima. Estamos em presença de um exercício criterioso, denso, solidamente informado, misto de ensaio e monografia breve, em que sai retratado um ilustre aveirense, bem digno de figurar na galeria dos cidadãos exemplares.*

*Com Jaime de Magalhães Lima, percorremos, desde 1870 até meados dos anos trinta deste século, o Portugal político, literário, artístico e social, com a sua dinâmica e estagnação, as suas lutas e complacências, as suas tradições e apelos de modernidade. De tudo foi testemunha, frequentemente tomou partido, e algumas vezes interveio como actor.*

*Do seu perfil de cidadão fazem parte os qualificativos de liberal e democrata, modelados pela atribulada experiência portuguesa oitocentista, feita de ideais generosos e interesses mesquinhos, de contradições e impossibilidades. Como filho do seu tempo, assimilou, no mais fundo e secreto da alma, as energias criadoras da vocação liberal e democrática das sociedades modernas, sabendo, no entanto, imprimir-lhes uma feição declaradamente crítica. Se adere ao liberalismo é porque o entende como espaço de liberdade necessário à respiração natural da pessoa humana, mas divorcia-se dele quando concebido como realidade fechada nas formulações e práticas políticas do individualismo de Oitocentos. Se partilha da ideia democrática é porque vê no povo o genuíno depositário da identidade colectiva e o agente natural da sua configuração cultural, opondo-se, por isso, a que ele seja pervertido ou usado por interesses oportunistas de alguns.*

*A atitude de inconformidade, que cultivou, presta-se a interpretações que, ou passam ao lado da sua visão do mundo e da vida, ou a deturpam irremediavelmente. É indiscutível que Jaime de Magalhães Lima valorizou as tradições populares e lá no íntimo viveu a nostalgia romântica de uma mítica Idade Média. É igualmente inegável que o seu amor da natureza selvagem se fez acompanhar de proclamadas reservas perante os progressos do industrialismo. Mas*

*o que não devemos esquecer também é a feição crítica e reformadora que o anima, com o fim de refrear aventurismos primários que, em nome da revolução, se dispunham a cortar as raízes da estabilidade e equilíbrio do viver tradicional.*

*O conhecimento verdadeiramente interessante das ideias e das épocas obtém-se tanto pela identificação dos valores e doutrinas que os homens professam, quanto pelas realidades ou ficções contra as quais eles reagem, ao procurarem vias diferentes ou opostas de ser e de pensar. E não se diga que, uma vez estabelecidos os valores e as correntes de pensamento a que se adere, ficam, por isso mesmo, definidas as correspondentes oposições e antagonismos. Os valores liberais e a concepção cristã da vida individual e colectiva, que Jaime de Magalhães Lima professa, não nos esclarecem suficientemente acerca dos combates que travou. É preciso mergulhar na sua extensa obra para vermos como emergem com nitidez os alvos contra os quais disparou o fogo da crítica: o individualismo, a revolução ávida de mudanças rápidas, o liberalismo corrupto ou inimigo das tradições nacionais que se desenvolveu com a Regeneração, o laicismo que gradualmente invadia as instituições e o quotidiano viver. Contra o desprezo das tradições populares, contra os políticos servidores de interesses egoístas, contra divisionismos que deitam a perder a necessária unidade de acção, contra a desca-*

*racterização da língua, das artes e dos costumes, contra o desrespeito pelo diálogo harmonioso do homem com a Natureza, eis alguns temas de repúdio que dominam a escrita militante do aveirense e contra os quais se bateu também na colaboração dispersa por variadíssimas revistas, não obstante as divergências ideológicas que as podiam inspirar.*

*O autor deste estudo fixou a sua investigação e análise crítica nos conceitos de nação, nacionalismo e democracia. Fê-lo com rigor, ponderação, criatividade e inovação, ao mostrar que o nacionalismo professado por Jaime de Magalhães Lima cultiva as capacidades de realização cultural próprias de cada povo ao longo da história, elegendo-as como princípio regulador do relacionamento construtivo e fraterno das formações nacionais entre si. Não havendo aqui qualquer negação ou recusa do estrangeiro, mas tão só a afirmação da identidade própria, também não se alimentam formas de nacionalismo estreito e agressivo geradoras de «patriotismo de avareza e disputa». Esta é uma apenas das pertinentes interpretações que abundam neste texto, tão breve de páginas como rico e estimulador de novas perspectivas de análise.*

*Luis Machado de Abreu*

## 1. Os itinerários limianos

Quem vai na frente é o Santo, filósofo a seu modo, como os que são, e homem de acção por excelência, por isso que a sua acção é toda no sentido do bem.\*

Antero de Quental<sup>1</sup>

**J**aime de Magalhães Lima foi daquelas personagens de multimoda mundividência que, pela extrema e variada riqueza interior, escapa a qualquer tentativa de arrumação em cacifo ideológico padronizado. Tocado por uma miríade de influências, cujas raízes mergulham no cristianismo do *Poverello* de Assis e num certo tolstoísmo, passando pelo movimento *Arts and Crafts* de William Morris e John Ruskin<sup>2</sup> e pela comu-

---

\* Actualizámos a grafia de todas as citações.

<sup>1</sup> QUENTAL, Antero de – Carta a Jaime de Magalhães Lima (Vila do Conde, 14 de Novembro de 1886). In SAMPAIO, Alberto [et al.] – *Anthero de Quental: In Memoriam*. 2ª ed. Lisboa: Editorial Presença, 1993, p. XXIII.

<sup>2</sup> O Movimento das Artes e Ofícios (*Arts and Crafts Movement*), fundado em 1888 na Inglaterra, defendia a produção manual, valorizando a prática artesanal da Idade Média e rejeitando a produção em série da época industrial. William Morris (1834-1896) e John Ruskin (1819-1900) foram dois dos seus principais mentores. Ruskin, «um violento *tory* da velha escola», como ele próprio se definia na primeira página de *Praeterita*, a sua autobiografia, ou o «inovador retrógrado» na boca dos seus adversários, nem por isso deixou de inspirar os fundadores do Partido Trabalhista inglês (1906), com a mensagem política de duas das suas obras, *Unto this Last* e *Sesame and Lilies*, ou de contribuir para a formação do líder nacio-

nhão de ideais com alguns dos grandes vultos das nossas gerações oitocentistas, não deixou por isso de construir o seu próprio caminho, calcetando-o com um apurado sentido crítico e, sobretudo, com muita lucidez e tolerância, milímodas cumplicidades e um incommensurável respeito pelo Outro.

Filho de Sebastião de Carvalho Lima e de D. Leocádia Rodrigues de Magalhães, nasceu a 15 de Outubro de 1859, no palacete que seu pai mandara construir sobre as ruínas do Convento do Carmo, adquiridas em 1856 a Manuel José Mendes Leite, o fiel e eterno companheiro de José Estêvão e autor da iniciativa legislativa que terminou com a pena de morte para os crimes políticos (1852), gesto pioneiro a nível europeu<sup>3</sup>. Nesse mesmo ano, o seu irmão Sebastião de Magalhães Lima, cujo percurso intelectual e político seria bem diferente, saía de Aveiro para frequentar o colégio alemão Roeder.

---

nal indiano Mohandas Karamchand Gandhi. As características do reformismo social inglês, em que se integravam homens como Morris ou Ruskin, vestia capa evangélica e pretendia reconciliar-se com a lição social do cristianismo primitivo, aproximando-se, por isso, do franciscanismo. Ver COMPAGNON, Antoine – *A hue et à dia* [Prefácio]. In RUSKIN, John – *Sésame et les Lys*. Bruxelles: Editions Complexe, 1987, p. 7-24.

<sup>3</sup> A proposta de Mendes Leite, para terminar com a pena de morte em Portugal, por crimes políticos, exprimiu-se na redacção do Artigo 16 do Acto Adicional de 1852 que, muito sinteticamente, estabelecia; «É abolida a pena de morte nos crimes políticos, os quais serão declarados por uma Lei. § único — fica deste modo ampliado o § 18.º do Art. 145 da Carta Constitucional.»

Nasceu em Aveiro, terra de fortes tradições e envolvimento liberais<sup>4</sup>, pouco antes de seu pai, recém-chegado da emigração brasileira, se ter filiado no Partido Histórico chefiado pelo duque de Loulé, facção política do liberalismo português surgida no início da Regeneração, resultante da cisão verificada nos primitivos *progressistas*, oriundos de um estranho amálgama de *setembristas*, *ordeiros* e *cartistas reformistas*, unidos pela oposição ao *cabralismo*. Iniciado o movimento regenerador, o grupo progressista cindiu-se em duas organizações políticas, uma moderada, o Partido Regenerador, e outra de esquerda, o Partido Histórico. Este grupo progressista, que agora se cinde, não deve ser confundida com o Partido Progressista de 1876, resultante do Pacto da Granja e da fusão dos partidos Histórico e Reformista<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> Bastará lembrar os acontecimentos de 1828 e o papel desempenhado por homens como o conselheiro Joaquim José Queirós (avô de Eça de Queirós), José Estêvão Coelho de Magalhães, Manuel José Mendes Leite e José Luciano de Castro.

<sup>5</sup> Esta arrumação dos moderados e da esquerda liberal terá sido mais institucional que real, já que encontramos, entre os primeiros, setembristas como José Estêvão, com o coração nos históricos e a estratégia nos regeneradores como, por mais de uma vez, é afirmado pelo grande tribuno nas suas intervenções parlamentares (Cf. – Discurso sobre o contrato do tabaco, in ESTÊVÃO, José – *Discursos Parlamentares*. Aveiro: Câmara Municipal, 1983. p. 171-172 e passim).

A infância terá decorrido no ambiente familiar em que as questões políticas estariam quase sempre presentes, pois seu pai, para além de deputado, foi presidente da Câmara de Aveiro e da Junta Geral do Distrito. A preparação para o ingresso nos estudos superiores levou-o para o Colégio de Lousada, tendo iniciado o curso de Direito, na Universidade de Coimbra, no ano em que sua mãe falecia na residência da Rua do Carmo. Tinha dezasseis anos.

Frequentando a Universidade entre 1875 e 1880, acabou por ser influenciado pelo pensamento de Karl Krause, filósofo do Direito e discípulo de Schelling e de Fichte. O *krausismo*, cujos prosélitos conimbricenses foram sobretudo Costa Lobo, Rodrigues de Brito e Emídio Garcia, estará por detrás da concepção organicista da realidade, comungada por Jaime Lima e presente no seu modelo de representação política. As ideias de Krause encontraram campo propício entre os críticos do individualismo liberal, muitos deles também liberais, mas que viam com mágoa e inquietação a facilidade com que se destruíam os equilíbrios da sociedade tradicional e os seus esteios axiológicos, como acontecia com Costa Lobo que, já em 1864, na sua tese de doutoramento<sup>6</sup>, avançava para soluções corporativistas, apre-

---

<sup>6</sup> LOBO, António de Sousa Silva Costa – *O Estado e a Liberdade de Associação: Dissertação inaugural para o acto de conclusões magnas.*

sentando a sociedade «como verdadeiro organismo [com] seus membros reciprocamente dependentes»<sup>7</sup>. Ao longo da segunda metade de Oitocentos o krausismo influenciará ainda muitos dos alunos da Faculdade de Direito de Coimbra, mercê dos magistérios de Rodrigues de Brito<sup>8</sup> e Emídio Garcia<sup>9</sup>.

A profunda amizade que une Jaime de Magalhães Lima a Luís de Magalhães<sup>10</sup>, filho de José Estêvão, seu

---

Coimbra: Imprensa da Universidade, 1864.

<sup>7</sup> CATROGA, Fernando – O problema político em Antero de Quental: Um confronto com Oliveira Martins. *Revista de História das Ideias*. Coimbra: Instituto de História e Teoria das Ideias da Faculdade de Letras. vol. 3 (1981), p. 355-356.

<sup>8</sup> Joaquim Maria Rodrigues de Brito (1822-1873). Em 1869 publicava a *Filosofia do Direito*, obra que parece ter sido traduzida em alemão, e a *Resposta às breves reflexões do ex.<sup>mo</sup> sr. dr. Vicente Ferrer sobre a «Filosofia do Direito»*, no âmbito de uma polémica com bastante impacto na época. Ver CATROGA, cit. 7, p. 356.

<sup>9</sup> Manuel Emídio Garcia (1838-1904), defensor de um organicismo bio-sociológico, regeu a cadeira de Direito Administrativo entre 1871 e 1881, abarcando, por isso, a passagem de Jaime de Magalhães Lima por Coimbra.

<sup>10</sup> Luís Coelho de Magalhães, o «Buono Luigi» para Antero, era filho de José Estêvão. Foi governador civil de Aveiro em 1892, a pedido de Oliveira Martins, e ministro dos Estrangeiros no governo de João Franco. Monárquico convicto, envolvido em 1919 na Monarquia do Norte, nem por isso deixou de dar protecção e guarida a muitos dos republicanos perseguidos na sequência dos acontecimentos de 1891. Ver MAGALHÃES, Joana Inês de Lemos Coelho de – Luiz de Magalhães: A sua evolução espiritual. *Arquivo do Distrito de Aveiro*. Aveiro. vol. 25, nº 99 (1959), p. 171 e também ROSA, Acácio – Em ronda pelo passado. *Arquivo do Distrito de Aveiro*. Aveiro. vol. 8, nº 32 (1942), p. 292-294 .

condiscípulo em Coimbra e futuro cunhado<sup>11</sup>, relacionado com importantes nomes da Geração de 70 e com outras personalidades do meio cultural nortenho. Luís de Magalhães residia na quinta do Mosteiro, em Moreira da Maia, numa época em que Oliveira Martins se fixara no Porto<sup>12</sup>, às Águas Férreas. Não muito longe, em Vila do Conde, demorava Antero de Quental. Nas tertúlias do Porto, em Santo Ovídio<sup>13</sup>, na casa de Oliveira Martins, na Quinta do Mosteiro, que Eça de Queirós, que casara no Porto, visita, aquando das suas passagens por Portugal e que lhe teria servido de cenário para a quinta de Refaldes da *Correspondência de Fradique*<sup>14</sup>, ou na tebaida de Vila do Conde, juntavam-se com frequência Luís de Magalhães, Jaime Lima, Antero de Quental, Oliveira Martins, Guerra Junqueiro, Ramalho Ortigão, Alberto Sampaio, António Feijó e tantos outros, residentes no Norte do país ou simplesmente por

---

<sup>11</sup> Ver infra, nota 35.

<sup>12</sup> Oliveira Martins viveu no Porto de 1874 a 1888, numa época em que foi funcionário e depois administrador da Companhia de Caminho-de-Ferro do Porto à Póvoa do Varzim.

<sup>13</sup> Palácio e quinta do conde de Resende, no Campo de Santo Ovídio, depois chamado Campo da Regeneração. QUEIRÓS, Eça de – Um génio que era um santo. In SAMPAIO, Alberto [et al.] – *Anthero de Quental: In Memoriam*. 2ª ed. Lisboa: Editorial Presença, 1993. p. 515, nota do editor.

<sup>14</sup> Ver CERQUEIRA, Eduardo – José Estêvão apreciado por seu filho: Dois discursos do Dr. Luís de Magalhães. *Arquivo do Distrito de Aveiro*. Aveiro. Vol. 28, nº 112 (1962), p. 259.

ali passando de visita. Ao contrário do que afirma Francisco Ferreira da Maia, Jaime Lima (1859-1936) não pode ter conhecido Oliveira Martins (1845-1894), Antero de Quental (1842-1891) e Ramalho Ortigão (1836-1915) quando frequentava a Universidade: o primeiro porque nunca a frequentou; o segundo porque terminou o curso em 1864 e abandonou Coimbra no ano seguinte; o último porque se matriculou em 1851 e abandonou a cidade do Mondego muito antes de Antero ali ter chegado<sup>15</sup>.

Jaime Lima ficará indelevelmente ligado a muitos destes homens, com destaque para Antero, cujo idealismo e afinidades intelectuais propiciaram uma maior aproximação, por demais evidente na correspondência trocada<sup>16</sup> e no tratamento familiar que adoptaram entre

---

<sup>15</sup> Cf. MAIA, Francisco de Assis Ferreira da – Jaime de Magalhães Lima. *Arquivo do Distrito de Aveiro*. Aveiro. Vol. 23, nº 89 (1957), p. 10.

Sobre estes encontros e convívios veja-se QUEIRÓS, cit. 13, p. 481-522, passim.

<sup>16</sup> Ver QUENTAL, Antero de – Cartas a Jaime de Magalhães Lima. In SAMPAIO, Alberto [et al.] – *Anthero de Quental: In Memoriam*. 2ª ed. Lisboa: Editorial Presença, 1993. p. XXI-XXIX. Ver também: RAMOS, Aníbal – Cartas de Antero de Quental a Jaime de Magalhães Lima segundo o texto original. *Arquivo do Distrito de Aveiro*. Aveiro: Francisco Ferreira Neves. Vol. 42, nº 165 (1976), 2-23. Existe separata.

Jaime Lima dedicou a Antero o seu livro *As Doutrinas de Conde Leão Tolstoi*, publicado no Porto em 1892 pela Livraria Internacional de Ernesto Chardron, com as seguintes palavras de homenagem: «À memória do meu querido Mestre Antero de Quental»..

si, deixando «as excelências para aqueles com quem não temos outra comunhão senão a de pertencermos à mesma sociedade em geral — muito geral<sup>17</sup>». Em Coimbra, o convívio e as leituras trazem-lhe as primeiras hesitações religiosas, que igualmente tocarão o seu amigo Luís de Magalhães<sup>18</sup>. Isso mesmo parece transparecer do poema publicado aos 64 anos, assomo de prestação de contas e prenúncia de uma partida que o destino marcou para cerca de treze anos depois:

[...]  
Os anos de inocência e os da paixão;  
os de orgulho sombrio e os da humildade;  
os da fé;  
e também esses, funestos, tenebrosos,  
da Descrença e da Dúvida;  
[...]<sup>19</sup>

O teor de uma carta de Antero de Quental, datada de finais de 1886, dá-nos conta da superação desta crise, correspondendo, talvez, às primeiras aproximações de Magalhães Lima a São Francisco de Assis e a Tolstoi:

---

<sup>17</sup> Carta de Antero de Quental para Jaime de Magalhães Lima, datada de 13 de Outubro de 1886. Ver RAMOS, cit. 16, p. 7 (Separata: p. 9)

<sup>18</sup> Ver MAGALHÃES, cit. 10, p. 170-171.

<sup>19</sup> LIMA, Jaime de Magalhães – *Côro dos coveiros*. Porto: Edições Ilustradas Marques Abreu, 1923. p. 19.

Tudo isto, meu caro Magalhães Lima, veio, não sei bem como, para lhe dizer uma cousa muito simples, e é o que mais me alegrou na sua carta foi o dizer-me que começava a sentir, nestes últimos tempos, um renascimento dos antigos sentimentos religiosos, embora transformados, e uma invencível necessidade de idealismo.<sup>20</sup>

Um ano antes, em 1885, tinha sido publicada a tradução francesa da *Religião* de Leão Tolstoi que, como o próprio Jaime Lima confessa ao autor, apenas leu depois da visita que lhe fez, mas a influência tolstoiana já se fazia sentir através da leitura de outras das suas obras:

Li a sua «Religião» e voltarei a ler brevemente todas as suas obras traduzidas em francês. Ela (a «Religião») causou-me uma impressão tão profunda que resolvi dedicar-lhe um estudo que deverá ser publicado no próximo verão. [...] Não estamos de acordo em muitos pontos, mas devo confessar-lhe que, há já bastante tempo, muitas vezes com a ajuda dos seus livros, me sinto voltar à religião e à humildade. É possível que as vicissitudes da minha vida tenham contribuído muito para isso; sempre estou convencido de que a vida não tem outra finalidade senão a virtude, e cada dia sinto mais sincero e profundo arrependimento das minhas faltas e dou a maior parte dos meus pensamentos ao amor de Deus.<sup>21</sup>

---

<sup>20</sup> Ver QUENTAL, cit. 16, p. XXIII: Carta a Jaime de Magalhães Lima, Vila do Conde, 14 de Novembro de 1886. Também RAMOS, cit. 16, p. 11-12 (Separata: p. 13-14).

<sup>21</sup> Esta carta, datada de 15 de Março de 1889, encontra-se no Museu de Tolstoi, em Moscovo, e foi publicada por RAMOS, Aníbal – Leão Tolstoi, Jaime de Magalhães Lima, William B. Edgerton e o «Arquivo do

Por esta época, quando dobrava o quarto de século e a Europa estrebuchava de nacionalismos e imperialismos, com a Conferência Internacional de Berlim (1884) a traçar os primeiros contornos do novo domínio europeu em África, Jaime Lima inicia uma prolixa e profícuca produção literária, através da qual procura intervir na sociedade portuguesa, ou simplesmente exercer um magistério democrático de divulgação das ideias que, colhidas no velho continente e na América<sup>22</sup>, lhe parecem merecedoras de partilha. Esta ânsia de comunicar exprime-se em cerca de novecentos títulos, distribuídos por dezenas de jornais e revistas, trinta livros, quatro traduções-adaptações<sup>23</sup> e vinte opúsculos de outras tan-

---

Distrito de Aveiro». *Arquivo do Distrito de Aveiro*. Aveiro. Vol. 42, nº 167 (1976), p. 173-174.

<sup>22</sup> Por exemplo William Ellery Channing (1780-1842), reformador social e dirigente da Igreja Unitária norte-americana, cuja obra Magalhães Lima descobriu em 1900 ou início de 1901 através duma tradução francesa. Ver LIMA, Jaime de Magalhães – *Vozes do meu lar*. Coimbra: Typographia França Amado, 1902. p. 269; também: LIMA, Jaime de Magalhães – Leituras de Channing: Como a solidão se afugenta. *Vitalidade*. Aveiro (13 Jan. 1901) 1.

<sup>23</sup> Jaime de Magalhães Lima pretende ir além de uma mera tradução, já que, para ele, «não há traduções possíveis; as línguas são intraduzíveis, todas; as do cafre como as do grego. Será tão fácil a transposição de língua para língua como a tradução de Beethoven em Chopin, ou de Wagner em Verdi. Haverá, quanto muito, interpretações; e, se são bem feitas, não será coisa pouca a inspiração de quem as fez.» Ver LIMA, Jaime de Magalhães – *A língua portuguesa e os seus mistérios*. Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud

tas conferências<sup>24</sup>. Uma parte importante da sua colaboração em publicações periódicas terá o destino da produção literária de John Ruskin: a compilação posterior em pequenos volumes, porque,

para serem companheiros do coração, os livros hão-de ocultar-se, como tudo o que é amado do coração; irão connosco, unidos ao corpo, sem que olhares profanos os insultem com escárnio ou indiferença. [...] Por isso, eu quero aos livros bons e pequeninos, como às violetas do meu jardim.<sup>25</sup>

*A Província*<sup>26</sup>, órgão do Partido Progressista<sup>27</sup> fundado no Porto por Oliveira Martins, será o primeiro jornal a acolher colaboração continuada de Jaime Lima, que se estenderá por alguns anos. São artigos literários, sobre autores nacionais e estrangeiros, peças versando temas agrícolas, mas também aparecem os assuntos de cariz económico e social ou de política nacional e inter-

---

e Bertrand, 1923. p. 52.

<sup>24</sup> Devemos o conhecimento da obra de Jaime Lima, na sua quase totalidade, ao trabalho de AZEVEDO, B. d' Almeida – *Esboço bibliográfico de Jaime de Magalhães Lima*. Costa do Valado [Aveiro], 1986. 149 p. Obra inédita, dactilografada.

<sup>25</sup> LIMA (1902), cit. 22, p. 73.

<sup>26</sup> O primeiro número deste jornal foi publicado em 25 de Maio de 1885.

<sup>27</sup> Partido resultante do Pacto da Granja e da fusão dos partidos Histórico e Reformista; ver supra, nota 5.

nacional, muitos deles a propósito de obras publicadas em diferentes países da Europa.

Em 1888, quase a completar os 29 anos, durante os meses de Setembro e Outubro, faz uma grande viagem pela Europa, regressando pelo norte de África e sul de Espanha. Nesta longa peregrinação, cujo diário<sup>28</sup> vai publicando no periódico de Oliveira Martins, visita, como atrás dissemos, Leão Tolstoi na sua residência de Iasnaia Poliana, fortalecendo os vínculos que, desde há algum tempo, o prendiam ao pensamento do grande escritor russo<sup>29</sup>. No regresso escreve a Tolstoi<sup>30</sup> e carteia-se com Antero, comentando com o amigo as impressões recolhidas nas entrevistas que manteve com o autor de *Guerra e Paz*. Antero exprime, com a sua costumada clarividência, a incapacidade da família de Tolstoi compreender o intenso drama interior do seu patriarca, problemática que o autor dos *Sonetos*<sup>31</sup> sinte-

---

<sup>28</sup> Estes artigos serão depois reunidos no livro *Cidades e Paisagens*. Porto: Tip. de A. J. da Silva Teixeira, 1889.

<sup>29</sup> Sobre as relações de Jaime Lima com Tolstoi e a «recepção de temas tolstoianos na obra do escritor aveirense» veja-se ABREU, Luís Machado de – Jaime de Magalhães Lima na Escola de Leão Tolstoi. *Revista da Universidade de Aveiro / Letras*. Aveiro: Universidade. N.º 4-5 (1987-1988), p. 225-244. Existe separata.

<sup>30</sup> Ver RAMOS, cit. 21, p. 173-174.

<sup>31</sup> Jaime Lima dá a conhecer Antero de Quental ao grande escritor russo e envia-lhe, conforme diz na carta que lhe remete em 15 de Março de 1889, a tradução alemã dos *Sonetos*. Ver RAMOS, cit. 21, p. 173.

O título da tradução alemã era o seguinte: Anthero de Quental –

tiza na fórmula «Helenismo coroado por um Budismo», significando que a vida natural só terá sentido quando impregnada de vida espiritual, de compreensão transcendente. Mas «a vida espiritual é só dada aos homens espirituais. Ora a maioria dos homens é e será sempre natural.»<sup>32</sup>

O cristianismo democrático e filantrópico de Tolstoi ajustava-se às preocupações sociais das elites intelectuais da época, justificando o impacto deste «santo laico» em toda a Europa e particularmente em França, onde a influência do escritor russo foi ateadada quer pela visita que fez a Paris, quer pela sua adesão às doutrinas de Proudhon. Jaime Lima contactará a obra de Tolstoi precisamente a partir da França, através das leituras do livro *Le roman russe*, de Eugène-Melchior de Vogüé<sup>33</sup>, e das traduções francesas que se multiplicam no último

---

*Ausgewählte Sonette*. Verdeutsch von Wilhelm Storck. Paderborn und Münster: Verlag von Ferdinand Schöningh, 1887. Ver RAMOS, cit. 16, p. 20 (Separata: p. 22). Carta de Antero para Jaime Lima, datada de Vila do Conde, 2 de Fevereiro de 1889.

<sup>32</sup> Ver RAMOS, cit. 16, p. 20 (Separata: p. 22). Carta de Antero para Jaime Lima, datada de Vila do Conde, 2 de Fevereiro de 1889.

<sup>33</sup> Ver RAMOS, cit. 21, p. 162 e 172-173. Nestas duas últimas páginas, e nas que se seguem, Anibal Ramos enuncia os diferentes artigos de Jaime Lima, publicados no jornal *A Província*, na *Revista de Portugal* e noutras publicações, que se referem à obra de Leão Tolstoi.

Esta obra do visconde Melchior de Vogüé (nascido em 1850) foi publicada em 1882. Ver: LANSON, Gustave – *Histoire de la Littérature Française*. Paris: Librairie Hachette, [1946]. p. 1111.

quartel de Oitocentos<sup>34</sup>.



Esta longa deambulação pela Europa e a visita a Tolstoi parecem culminar uma fase importante da sua vida, à procura de um caminho e de decisões para o futuro. Regressado a Portugal anuncia a Antero de Quental o seu futuro casamento, que terá lugar em Condeixa, a 23 de Julho de 1889, com D. Maria do Cardal de Lemos Pereira de Lacerda, filha de Francisco de Lemos Ramalho de Azeredo Coutinho, morgado da Casa de Condeixa, e irmã de D. Maria da Conceição de Lemos Pereira de Lacerda, casada desde Fevereiro de 1884 com Luís Coelho de Magalhães<sup>35</sup>. Um pouco antes, em carta datada de 28 de Maio, Antero manifesta o seu regozijo:

Já me tardava vê-lo casado — e posso dizer-lhe agora que mais de uma vez tinha pensado nisso, e sentido até a tentação de lhe dar esse conselho; mas achava a matéria tão delicada, tão absolutamente do foro íntimo, que nunca me atrevi. Veja pois com que prazer recebi a notícia, que me dá! O dia do seu casamento será para mim um de

---

<sup>34</sup> *La Guerre et la Paix* (1880 e 1885), *Anna Karénine* (1885), *Ma religion* (1885), *Les cosaques* (1887), *Souvenirs de Sébastopol* (1887), *La Puissance des ténèbres* (1887), *Souvenirs* (1887), *La Sonate à Kreutzer* (1890), *Qu' est-ce que l' art?* (1898), *Réssurrection* (1900). Ver LANSO, cit. 33, p. 1107.

<sup>35</sup> RAMOS (1976), cit. 21, p. 175, nota 2, e p. 177.

verdadeira alegria. Não lhe citarei o famoso «não é bom que o homem esteja só» da Bíblia, ainda que há uma grande verdade nesse conceito; mas, tomando a coisa por outro lado, dir-lhe-ei que só é verdadeiramente livre aquele que sabe limitar voluntariamente a sua liberdade [...] Entrou, meu caro amigo, num caminho em que todos os dias irá sentir o chão mais firme debaixo dos pés, mais lúcido o pensamento, mais serena a consciência. Vivendo cada vez mais para os outros, sentindo morrer em cada dia dentro de si mais uma parcela do *eu* egoísta que tanto nos ilude, tanto nos faz sofrer e errar, irá entrando gradualmente naquela região da *impersonalidade* que é a verdadeira beatitude.<sup>36</sup>

Os acontecimentos de 1890, e a forma como Portugal respondeu ao Ultimato inglês, desencadearam, um pouco por todo o país, um coro de lamentos e apupos, quando não ferozes manifestações de nacionalismo ofendido. Republicanos e socialistas zurziram a instituição monárquica, enquanto a agressividade da imprensa, que nem a nova «lei da rolha» conseguia calar, e a denúncia da dependência económica e política de Portugal face à Inglaterra despertavam sentimentos anti-ingleses e faziam cair governo atrás de governo. Jaime de Magalhães Lima acabará por entrar na política activa, já depois da recusa ao grito desesperado de Antero, que o pretendia no Porto como secretário-geral da Liga

---

<sup>36</sup> Ver QUENTAL, cit. 16, p. XXVIII-XXIX; RAMOS, cit. 16, p. 20-21 (Separata: p. 22-23).

Patriótica do Norte a que presidia:

O Jaime é o *homem*, é o *único*. Há-de vir. O que se vai passar em Portugal é seriíssimo. Faça cada um o seu sacrificio no altar da Pátria. Eu sacrifico a minha saúde, que naufragará de todo no meio disto, e muito provavelmente o meu nome, que antes de 6 meses estará manchado. [...] O Jaime fará também à Pátria e ao Bem o seu sacrificio. Venha.<sup>37</sup>

A Liga Patriótica do Norte, excogitada por diversas individualidades nortenhas, entre as quais pontificava Luís de Magalhães, fora entregue, a expensas da influência do filho de José Estêvão, à direcção de Antero de Quental. Dirigia-se contra os britânicos, como a francesa Liga dos Patriotas, fundada oito anos antes, se virava contra a Alemanha. A primeira nascia com o mapa cor-de-rosa e a gula desenfreada pelo domínio do continente africano, a segunda com a memória da derrota na guerra franco-prussiana e a perda da Alsácia-Lorena. Uma e outra deram em nada! Quanto à portuguesa, Eça de Queirós traça-lhe o epitáfio, em linhas vigorosas e irónicas:

E a Liga, que ainda mal nascera, já findava, decomposta. Tão decomposta que dentro dela não restava outro movimento senão o fervilhar dos vermes partidários,

---

<sup>37</sup> Carta de Antero datada de Vila do Conde, 9 de Fevereiro de 1890. Ver RAMOS, cit. 16, p. 23 (Separata: p. 25).

Regeneradores e Históricos. Quando se acabaram de elaborar os Estatutos, que eram o programa muito complexo da Nova Vida, a Liga já não existia, dispersa, sumida, toda fugida para os hábitos da Vida Velha. Os políticos tinham recolhido aos seus centros: — A Mocidade que fora arrancar Antero à Metafísica, regressara, cansada desse esforço, às banquetas e aos *bocks* dos cafés da Praça-Nova. Na sessão em que se leram os consideráveis Estatutos só havia, na vastidão dos bancos, quinze membros que bocejavam. E numa outra final, como ventava e chovia, só apareceram dois membros da Liga, o presidente que era Antero de Quental, e o secretário que era o conde de Resende. Ambos se olharam pensativamente, deram duas voltas à chave da casa para sempre inútil, e vieram, sob o vento e sob a chuva, acabar a sua noite em Santo Ovídio.<sup>38</sup>

O malogro da iniciativa, que tentava uma ampla frente, suprapartidária, capaz de salvar a Pátria da decadência e da crise permanente em que vivia, aplicando um vasto programa que recuava ao diagnóstico da «Geração Nova» e das Conferências democráticas do Casino Lisbonense, terá contribuído para o desânimo de Antero e para o agravamento da misantropia que o conduziria ao suicídio, em 11 de Setembro de 1891. Jaime Lima, apesar de ter recusado o cargo de secretário-geral da Liga, lugar que, como vimos, foi preenchido pelo

---

<sup>38</sup> QUEIRÓS, cit. 13, p. 515.

Conde de Resende, aderiu ao projecto e disso deu público testemunho na primeira página d' *A Província*<sup>39</sup>.

Recém-casado, o escritor aveirense remete-se à vida familiar e ao estudo da obra de Tolstoi, reduzindo drasticamente, ao longo de alguns anos, a sua colaboração na imprensa. No entanto, é durante este período que o futuro «eremita» da quinta de S. Francisco se lança na política activa, começando por integrar, com Luís de Magalhães e Alberto Sampaio, o grupo dos chamados «governamentais», apoiantes do projecto «Vida Nova» corporalizado no pensamento e na pessoa de Oliveira Martins. O desiderato apontava para a salvação de Portugal e para a aplicação de um conjunto de medidas capazes de ultrapassar a bancarrota do Estado e a crise financeira, e estancar as falências que se sucediam em catadupa. Oliveira Martins conseguirá inverter esta tendência, durante os quatro meses em que sobraçou a pasta da Fazenda, mas o êxito não evitará a sua saída do governo e a consequente solidariedade dos amigos, que deixam de apoiar o Ministério de José Dias Ferreira.

A traição a Oliveira Martins custou a Dias Ferreira a chefia do governo, vingança cozinhada por alguns dos «governamentais» e consumada no regresso de um governo partidário regenerador, com Hintze Ribeiro na

---

<sup>39</sup> LIMA, Jaime de Magalhães – Liga Patriótica do Norte: uma adesão. *A Província*. Porto (3 Março 1890) 1.

presidência e João Franco na pasta do Reino. Mas o Partido Regenerador não fugia à profunda desordem que campeava nos velhos partidos monárquicos, ele próprio com várias facções a digladiarem-se e com uma direcção bicéfala, em que pontificavam Hintze Ribeiro e João Franco, nem aos vícios arranjistas alimentados pelas benesses distribuídas em função dos acordos de caciques e chefes políticos.

Em 1892 Jaime Lima é eleito presidente da Câmara de Aveiro e, no ano seguinte, deputado pelo Partido Regenerador, continuando, coerentemente, a defender as ideias de Oliveira Martins. Em 1894 perde mais este amigo e, dois anos depois, morre-lhe o pai. Novamente deputado por Aveiro, eleito em 1897, colabora na imprensa local e noutras publicações ligadas ao Partido Regenerador, apoiando, com Luís de Magalhães e Alberto Sampaio, as reformas franquistas da lei eleitoral, identificadas com os princípios do krausismo e da «representação orgânica» de Oliveira Martins, que ele próprio defendia desde há doze anos<sup>40</sup>. Mas todas estas reformas foram caindo depois de 1896 e, no ano imediato, poucos meses depois da conquista do poder pelos

---

<sup>40</sup> LIMA, Jaime de Magalhães – *A democracia: Estudo sobre o governo representativo*. Porto: Liv. de A. J. da Silva Teixeira, 1888; – *A reforma administrativa e a democracia*. *Revista de Portugal*. Porto: Luga & Genelioux. vol. 2, nº 11 (1890), p. 604-613.

progressistas de José Luciano de Castro<sup>41</sup>, completava-se o dismantelamento de toda a estrutura eleitoral franquista. Luciano de Castro, que viria a marcar toda a vida política portuguesa nos vinte anos que antecederam a República, nasceu em Oliveirinha, concelho de Aveiro. Aos 17 anos, com Manuel Firmino de Almeida Maia, fundou *O Campeão do Vouga*, o primeiro jornal aveirense, que começou a publicar-se em 14 de Fevereiro de 1852 e que, em 12 de Novembro de 1859, passou a intitular-se *Campeão das Províncias*. Foi seu primeiro redactor principal José Maria de Almeida Teixeira de Queirós, pai de Eça de Queirós.

Voltando a Jaime de Magalhães Lima, encontramos-lo, em 1901, ao lado de João Franco, na cisão do Partido Regenerador, passando a dirigir a estrutura aveirense do novo Partido Regenerador-Liberal. Contudo, por esta época, a organização local dos partidos continuava a ser quase inexistente, circunscrita a uma ou outra figura de projecção regional, o que lhe permitiu ler e escrever intensamente, apostando na divulgação de Ruskin, Channing, Wordsworth, Michelet ou S. Francisco de Assis, e multiplicando os artigos sobre o que

---

<sup>41</sup> NEVES, Francisco Ferreira – O centenário do «Campeão do Vouga»: Notas de recordação do primeiro jornal aveirense. *Arquivo do Distrito de Aveiro*. Aveiro. vol. 18, nº 69 (1952), p. 25-47.

foi uma das suas grandes paixões, a silvicultura teórica e experimental dos eucaliptos.



Com a queda do Franquismo, em 1908, afasta-se definitivamente da política e instala-se na Quinta do Vale do Suão, em Eixo, nos arredores de Aveiro, rebaptizada de Quinta de S. Francisco. Nesta opção pelo contacto permanente com a natureza, levada ao extremo de não permitir cortinados nas janelas do seu gabinete de trabalho, para poder ver as árvores e as aves, seguia duas das suas referências intelectuais mais queridas: Alexandre Herculano, afastado de Lisboa e recolhido em Vale de Lobos, e John Ruskin retirado na pequena quinta de Brantwood, perto de Coniston Lake.

Afastado da ribalta tumultuosa da vida política e usufruindo avidamente a mãe Natureza, iniciava aqui o último período da sua vida, sempre atento ao mundo exterior, ao qual descia vezes sem conta por exigência dos que queriam ouvir a sua voz respeitada<sup>42</sup>. O refúgio de Eixo produz de imediato o seu primeiro *S. Francisco*

---

<sup>42</sup> Ao longo de todo este período sucedem-se as conferências e palestras sobre os mais variados assuntos e nos mais diversos locais.

*de Assis*<sup>43</sup>, leitura heterodoxa do catolicismo oficial que mereceria alguns reparos de D. João Evangelista de Lima Vidal<sup>44</sup>, seu primo e bispo de Aveiro. O livro é acusado de interpretar a vida do *Poverello* à luz do protestantismo do hagiógrafo Paul Sabatier<sup>45</sup> o que levará Jaime Lima a escrever um outro, publicado já depois da sua morte, em 1956.

Seguem-se duas traduções de Tolstói<sup>46</sup> e um estudo sobre Alexandre Herculano<sup>47</sup>, acompanhados por

---

<sup>43</sup> LIMA, Jaime de Magalhães – *S. Francisco de Assis: Servo e menor*. Coimbra: França Amado, 1908.

<sup>44</sup> Ver: [VIDAL], João Evangelista [de Lima] – Prefácio. In LIMA, Jaime de Magalhães – *Divagações de um Terceiro: S. Francisco de Assis e a civilização que ele concebeu e professou*. Aveiro: Câmara Municipal, 1956. p. 7-9.

<sup>45</sup> MAGALHÃES, Margarida de – Evocação. In LIMA, cit. 44, p. 111-113.

Paul Sabatier (1858-1928), teólogo e pastor protestante francês, é o autor de uma *Vida de S. Francisco de Assis*, escrita em resposta a uma missão intelectual quase imposta pelo seu mestre Ernesto Renan. A obra, publicada em França em 1893 e traduzida em várias línguas, é considerada uma das melhores biografias do Poverello e fruto de um trabalho árduo e sério de investigação, com base em documentos inéditos descobertos nos arquivos italianos. A importância e o impacto desta obra, bem como o currículo de Sabatier, professor de História Eclesiástica na Faculdade de Teologia da Universidade de Estrasburgo, cidadão honorário de Assis, membro da Academia Real de Roma, presidente honorário da Sociedade Internacional de Estudos Franciscanos e doutor «honoris causa» pelas Universidades de Oxford, Aberdeen e Edimburgo, não evitou a sua inclusão no *Index*.

<sup>46</sup> TOLSTOI, Leão – *O ensino de Jesus*. Tradução de Jaime de Magalhães Lima. Lisboa: A Editora, 1908. A partir da versão inglesa de L. e

uma pertinaz colaboração na imprensa, por onde perpassam os problemas de Portugal, da Europa e do Mundo. Devorador de livros e jornais, aprendeu o inglês como autodidacta, o que lhe permitiu o contacto com o mundo anglo-saxónico, recorrendo a um vasto leque de periódicos britânicos, fossem eles londrinos ou da imprensa regional<sup>48</sup>, mas também a um variado número de títulos publicados em Inglaterra, que encomendava e recebia no eremitério de Eixo.

Acompanhando com especial atenção a vida política da Alemanha, e atento ao crescendo do nacionalismo prussiano, quase adivinhou o eclodir da 1.<sup>a</sup> Guerra Mundial. Crítico aceso do imperialismo alemão, acabará por rejeitar liminarmente o cesarismo bismarckiano e a política de alianças com a social-democracia marxista, responsabilizados pela instabilidade política do velho continente:

---

Aylmer Maude; TOLSTOI, Leão – *A anexação da Bósnia e da Herzegovina pela Áustria*. Tradução de Jaime de Magalhães Lima. Lisboa: A Editora. A partir da versão inglesa de Aylmer Maude. (Aylmer Maude foi um biógrafo e tradutor de Leão Tolstói).

<sup>47</sup> LIMA, Jaime de Magalhães Lima – *Alexandre Herculano*. Coimbra: F. França Amado, 1910.

<sup>48</sup> Alguns títulos de periódicos ingleses, respigados de citações na sua obra: *The Christian Commonwealth, Daily Chronicle, Glasgow Herald, Hibbert Journal, Manchester Guardian, Millgate Monthly, Spectator, Times*.

Levou tempo a fazer e deu muito trabalho essa nova Alemanha. Para isso foi necessário arrasar, como alegremente se arrasou, até aos alicerces, aquela outra Alemanha gloriosa, dos tempos em que militarmente era vencida, a Alemanha de Kant, de Lessing, de Goethe e de Beethoven, do tempo em que, toda impregnada de idealismo, de sabedoria, arte, ingenuidade, simplicidade e anseios de liberdade, tinha menos ciência de laboratório e mais ciência do coração, e não sabia mentir, intrigar, corromper e oprimir<sup>49</sup>.

Nos seus escritos sobre a guerra sobressai a admiração pela Grã-Bretanha e pelo seu papel civilizador, apresentados em contraponto da barbárie germânica e como paradigma das sociedades democráticas:

Se vemos um estupendo império, como o da Grã-Bretanha, englobando sob a mesma bandeira, irmãmente querida e amada, as raças mais diversas e as mais diversas aspirações, é porque para esse milagre político, sem precedente na história, se criou um povo em cujo génio, por uma arte que é maravilha de espontânea perfeição, se conciliam praticamente as maiores e desusadas liberdades com a coincidência em uma unidade, para a qual provavelmente só se encontrará justificação na comunidade de amor à própria liberdade e no propósito íntimo de a manter e defender.<sup>50</sup>

---

<sup>49</sup> LIMA, Jaime de Magalhães – *A guerra: Depoimentos de herejes*. Coimbra: F. França Amado, 1915, p. 11.

<sup>50</sup> *Ibidem*, p. 20.

Denunciada a guerra e equacionados os problemas da Europa, Jaime Lima entrega-se de novo às grandes questões nacionais, procurando intervir na sociedade portuguesa com vista à sua transformação, à redescoberta dos seus valores e tradições... da sua alma. Perdidos os velhos amigos da Geração de 70, encontrará novas cumplicidades, sem no entanto chegar à íntima comunhão experimentada com Antero ou Oliveira Martins. Portugal estava mudado, o que era por demais visível no crescimento de Lisboa e de outros centros urbanos, na transformação da paisagem, com a proliferação das chaminés de fumo a romperem aqui e ali, bem como no aumento de uma classe média de funcionários e profissões liberais. Os tempos eram outros e os homens também. Os intelectuais portugueses do primeiro terço do século XX procuravam, em desespero de causa pela pequenez do meio, o arrimo das capelinhas, mais interessados em dar visibilidade a cada um dos «grupinhos literários», como lhes chamava Jaime Cortesão, que em produzir obra de fundo. As revistas literárias, que se multiplicavam em Lisboa e no Porto, duravam o tempo da sua agressividade e das polémicas que sustentavam o mercado.

As ideias que germinavam em França, nas vésperas do primeiro conflito mundial, ameaçavam invadir Portugal, cujas elites intelectuais eram, desde há muito, francófilas. E fizeram-no, com António Sardinha e

outros corifeus do Integralismo Lusitano. Aquilino Ribeiro, desde Paris, bem podia clamar, nas páginas d'*A Capital*, contra o perigo da importação do bergsonismo e do ideário da *Action Française*, e para a necessidade de descobrirmos um caminho português para a democracia portuguesa. O tradicionalismo acabará por constituir um elo de ligação entre pensamentos e movimentos diferenciados que, a partir de determinada altura, apostam no rejuvenescimento da alma nacional e na afirmação da individualidade portuguesa. Aqui se encontrarão os últimos românticos, os integralistas<sup>51</sup>, os saudosistas, lusitanistas e criacionistas da *Renascença Portuguesa*<sup>52</sup>, os modernistas da revista *Orpheu*<sup>53</sup>, os seareiros<sup>54</sup>, os

---

<sup>51</sup> António Sardinha funda o movimento do Integralismo Lusitano em 1916, a partir da revista de filosofia política *Nação Portuguesa*, por ele criada dois anos antes. O ideário integralista evoluiu ao longo da sua existência, começando por ser arraigadamente monárquico para, a partir de 1922, início da 2.ª série da *Nação Portuguesa*, substituir a fé no rei pela fé em Portugal e dar os primeiros passos na ultrapassagem de um nacionalismo estreito. Ver SARDINHA, António – *Ao princípio era o Verbo*. Lisboa, 1923.

<sup>52</sup> O saudosismo de Teixeira de Pascoaes e o criacionismo de Leonardo Coimbra abrigavam-se no Porto sob o manto da revista *Águia*, dirigida pelo primeiro e fundada em 1910 por Álvaro Pinto, passando, em 1912, a órgão da *Renascença Portuguesa*. O lusitanismo de Jaime Cortesão estanciava em Lisboa, a coberto da revista *Vida Portuguesa* por ele próprio dirigida e fundada em 1912.

<sup>53</sup> Revista trimestral de literatura, o *Orpheu* apareceu em Lisboa em 1915, sob a direcção de Luís Montalvor. Virá a transformar-se na voz do modernismo e do futurismo português, apesar dos seus dois únicos núme-

sebastianistas e tantas outras seitas da cultura lusa dos inícios do século, «ismos» que, alimentados por dissidências e trânsfugas, cresciam de costas voltadas para o pensamento político dominante e para a Universidade.

Jaime de Magalhães Lima, espírito sempre aberto e tolerante, não recusou a entrada nesta procela babilónica, preso que estava à vocação e missão proféticas de defesa dos valores, tradições, língua e arte portuguesas, cujos objectivos se prendiam, mais além, com a felicidade e a harmonia para a Pátria portuguesa:

Pudessem os deuses ouvir as minhas obstinadas e roucas orações e pelos seus eleitos mandassem aos homens, senão a felicidade e a paz que não são muito de esperar entre os clamores da psicologia e da história, ao menos uma transitória remissão das inquietações, uma pausa no sofrimento pela qual debalde vamos suspirando entre o copioso saber, forças inauditas e vastíssimas riquezas que a nossa era ostenta e a nossa jactância apregoa!... Tivesse eu a felicidade de pressentir, de longe que fosse, as bênçãos de um novo reino!... Isso em consciência me absolveria da impertinência dos zumbidos com que procuro atormentar os ouvidos estranhos.<sup>55</sup>

---

ros.

<sup>54</sup> Mudar as mentalidades e retirar aos integralistas o domínio da juventude era, em linhas gerais, o primeiro programa da revista *Seara Nova*, surgida em Outubro de 1921 por iniciativa de Jaime Cortesão e Raul Proença, dois dos fundadores da Renascença Portuguesa. António Sérgio juntar-se-á a este grupo em 1923.

<sup>55</sup> LIMA, Jaime de Magalhães – *Entre pastores e nas serras*. [Aveiro]: Portucel, 1986, p. 16.

Concorre com os seus escritos, nalguns casos esporadicamente, para revistas de diferentes tendências, sejam elas a *Atlântida*<sup>56</sup>, *A Águia*, *Lusitânia*<sup>57</sup>, *A Ilustração Moderna*, *Portucal*, *Ilustração* ou a *Seara Nova*. Em 1918 é um dos co-fundadores da LAN – Liga de Acção Nacional<sup>58</sup>, colaborando no respectivo órgão, a revista *Pela Grei*, cujo subtítulo, *Revista para o Ressurgimento Nacional pela Formação e Intervenção de uma Opinião Pública Consciente*, exprimia claramente os objectivos da associação<sup>59</sup>. Em 1923 integra o grupo de 40 funda-

---

<sup>56</sup> *Atlântida: Mensário Artístico, Literário e Social para Portugal e Brazil*. Publicou-se entre 1915 e 1919, num total de 48 números. Para além de Jaime Lima, colaboraram nesta revista, entre outros, António Sérgio, Júlio Dantas, Teófilo Braga, Almada Negreiros, Leite de Vasconcelos, Aquilino Ribeiro e Columbano.

<sup>57</sup> *Lusitânia: Revista de Estudos Portugueses*. Publicou-se de Janeiro de 1924 a 1927, pretendendo «ser um órgão da nossa cultura, posto ao serviço da Reconstrução Nacional». Foi sua directora Carolina Michaëlis de Vasconcelos. No primeiro fascículo aparecia Câmara Reis como editor e redactor gerente e, como secretários da redacção, Afonso Lopes Vieira e Reinaldo dos Santos. Para além dos nomes indicados, e de Jaime de Magalhães Lima, colaboraram na revista nomes como António Sérgio, António Sardinha, Jaime Cortesão e José Leite de Vasconcelos.

<sup>58</sup> A Liga tinha por presidente o reitor da Universidade de Lisboa, Pedro José da Cunha, e por secretários-gerais Francisco Reis Santos e António Sérgio.

<sup>59</sup> Afirmava Sérgio, na *Pela Grei* de Janeiro de 1918: «O ideal da Democracia, em suma, é o governo da nação por elites naturais, criadoras da opinião pública e executantes da opinião pública; o governo da persuasão pelo escol da inteligência.» In SÉRGIO, António – *Ensaio I*. 3.<sup>a</sup> ed.

dores da *Revista dos Homens Livres*<sup>60</sup>, dinamizado pelos seareiros António Sérgio, Raul Proença e Jaime Cortesão, movidos pelo propósito de trazerem à sua causa<sup>61</sup> intelectuais que não se revissem no projecto da *Seara Nova*. António Sardinha, que havia atacado a experiência de 1918, alcunhando-a de «anglo-saxonismo de importação», numa alusão às ideias de Reis Santos, adere agora a este grupo, com Pequito Rebelo, seu correligionário do Integralismo que o havia seguido na evolução anti-monárquica<sup>62</sup>. A heterogeneidade do grupo estender-se-á igualmente a anarquistas, ex-franquistas, monárquicos conservadores e sebastianistas<sup>63</sup>, mostrando quão forte era o mal-estar da intelectualidade portuguesa perante as realidades sociais e políticas do país. Jaime Lima desde há muito defendia esta unidade de acção, escrevendo, em 1905:

Que um punhado de crentes devotados guarde a tradição  
do povo e sua glória, — seu amor do trabalho, sua hon-

---

Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1980. p. 232.

<sup>60</sup> Esta revista teve vida curta, pois apenas saíram dois números, em Dezembro de 1923.

<sup>61</sup> Sérgio explicava-a na nota de abertura do primeiro número: a procura «duma ideia nacional, de uma finalidade portuguesa, anterior e superior às finalidades partidárias».

<sup>62</sup> Ver supra, nota 51.

<sup>63</sup> Ver RAMOS, Rui – *A segunda Fundação (1890-1926)*; dir. de José Mattoso. In MATTOSO, José, dir. – *História de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1994. vol. 6, p. 548 e 552.

radez, bondade resignada e paciência, desprendimento, austeridade, — e Portugal ressurgirá do aviltamento, como renascem a Irlanda, a Hungria, a Polónia e tantos outros povos oprimidos, ou pelos próprios erros e loucuras ou pela ambição cruel dos poderosos. Nunca uma só batalha se perdeu, quando foi combatida por justiça e nobreza.<sup>64</sup>



Quase panteísta, atrever-nos-íamos a dizer «panteísta-cristão», no êxtase que experimenta na adoração da natureza, calcorreia montes e vales, preferindo sentir a aspereza dos caminhos a percorrê-los sobre quatro rodas, ele que possui um dos primeiros automóveis de Aveiro:

Já não há caminhos, há transportes, qualquer coisa que se move na estrada mas parece desconhecê-la. Pelo menos, não deixa que os sentidos a conheçam. Viajar, nesta sujeição, não é calcar a terra, é repudiá-la<sup>65</sup>.

Estes gritos de amor à terra, plasma em que mergulha todo o seu pensamento e vida interior, são brados de cabouqueiro ecológico<sup>66</sup>, de quem acredita

---

<sup>64</sup> LIMA, Jaime de Magalhães – *Via redemptora*. Coimbra: França Amado, 1905. p.172-173.

<sup>65</sup> LIMA, cit. 55, p. 17-18.

<sup>66</sup> Ver ABREU, Luís Machado de – Estética e ecologia no Portugal finissecular: A proposta de Jaime de Magalhães Lima. *Diacrítica: Revista*

na terra, no seu poder de transposição paradisíaca, na felicidade e bem-aventurança que ela concede a quem a ama e serve, fielmente, em louvor e culto e humildade.<sup>67</sup>

A religião é, em Jaime de Magalhães Lima, o culminar de todo o seu viver, a síntese que encerra, superiormente, o Criador e a Criatura, englobando, nesta, toda a humanidade, todos os seres vivos, todas as areias, fragas, campos e serras. De fora parece quedar-se a cidade moderna, antro de vaidades e riquezas, artefacto industrial gerador de misérias morais e sociais, lugar onde «todos nos desconhecemos, evitamos e isolamos, quando não nos atropelamos»<sup>68</sup>. Sem se afastar de Deus, antes procurando-o, a religião limiana aproxima-se assim do pampsiquismo anteriano, tão bem descrito pelo poeta filósofo ao seu assumido discípulo<sup>69</sup>, e não se alimenta de

---

*do Centro de Estudos Portugueses*. Braga: Universidade do Minho. N.º 6 (1991), p. 177-185. Existe separata.

<sup>67</sup> LIMA, Jaime de Magalhães – *Apóstolos da Terra*. Coimbra: Typographia França Amado, 1906, p. VII.

<sup>68</sup> LIMA, Jaime de Magalhães – *O amor das nossas coisas e alguns que bem o serviram: Ramalho, Camilo, Eça, Antero, Oliveira Martins, Manuel da Silva Gaio, Lopes Vieira e Correa de Oliveira*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1933, p. 56.

<sup>69</sup> Carta de Antero de Quental a Jaime de Magalhães Lima, datada de Vila do Conde, 14 de Novembro de 1886. Ver: QUENTAL, cit.16 , p. *XXIII*; também RAMOS, cit. 16, p. 12 (Separata, p. 14)

certos bolores das sacristias, superstições carunchosas e hipocrisias parasitárias, [nem da] boçalidade de sacerdotes muito mais dedicados à sordidez e à impostura do que a Cristo.<sup>70</sup>

Esta religião, cantada em tantos livros de Jaime Lima, mas sobretudo nas *Rogações de Eremita*<sup>71</sup> ou nos *Salmos do Prisioneiro*<sup>72</sup>, bem mais belos que os de David, é uma religião de amor,

que por amor dá o exemplo e do exemplo vai à compaixão, e ao perdão e à redenção dos ignorantes e transviados.<sup>73</sup>

A religião é só isto; ténue e invisível fio prendendo-nos à vida espiritual imperecível. Que importa encontrá-la no amor da árvore, da flor, do velho, da criança, do mísero, do mar ou da montanha? Viver é senti-lo.<sup>74</sup>

Tudo o resto gira em torno deste sentir religioso, e todo o seu pensamento, incida ele sobre a democracia, o liberalismo ou a ideia de nação, inscreve-se nesta matriz idealista, de abnegação e de renúncia no Outro. Como dizia numa carta a António Sérgio,

---

<sup>70</sup> LIMA, cit. 68, p. 6.

<sup>71</sup> LIMA, Jaime de Magalhães – *Rogações de Eremita*. Porto: Casa Editora de A. Figueirinhas, [1910]. 123 p.

<sup>72</sup> LIMA, Jaime de Magalhães – *Salmos do Prisioneiro*. Coimbra: F. França Amado, 1915. 59 p.

<sup>73</sup> LIMA, cit. 44, p. 63

<sup>74</sup> LIMA (1902), cit. 22, p. 202-203.

Entre o Santo e o filósofo, e, por maioria de razão, entre o Santo e o regedor, ainda que o regedor se chame Péracles ou Napoleão, ficarei com o Santo. Porque o Santo é o mais fiel intérprete de Deus, e a ordem do Mundo, como a ordem da alma, só em Deus encontrará filiação assaz consistente para a manter.<sup>75</sup>

## *2. O pensamento sócio-político de Jaime Magalhães Lima*

### *2.1. O liberalismo*

A tendência oitocentista para perceber o liberalismo de forma redutora, quase sempre circunscrito a parâmetros sócio-políticos e económicos, bem patente na praxis do Estado liberal, está longe de enformar o pensamento limiano. O liberalismo de Jaime Lima é de todos os tempos e de todos os homens, pretende-se do

---

<sup>75</sup> LIMA, Jaime de Magalhães – Santos, filósofos e regedores. *Lusitânia*. Lisboa. Vol. 2 (1924), p. 122. Carta de Jaime Lima a António Sérgio.

homem global, e é, acima de tudo, um espaço de liberdade *in fieri*, já que,

além e muito além de político, em esferas infinitamente mais transparentes que essa muito turvada em que a política se agita, o liberalismo abrange toda a feição e expressão da vida humana, e verdadeiramente não tem data nem lugar de nascimento e habitação, em tantos lugares e há tantos séculos surgiu e nos iluminou. E onde quer que o encontremos é o sinal de que aí os homens entraram na idade do conhecimento e da razão. Com esta condição se confunde. É contemporâneo da alma humana e na sua ubiquidade se dilata<sup>76</sup>,

não é algo que de chofre e revolucionariamente se imponha, ignorando a realidade social de cada País. Emerge aqui a crítica organicista e anti-individualista, adepta de uma intervenção política calculada e estribada cientificamente, para que a harmonia das sociedades não seja quebrada e o caos não suceda à ordem, mas também se descobre a ideia reformista e anterior de revolução, pois

A Natureza não admite revoluções nem as sociedades as admitem porque são organismos; um país transforma-se, não se substitui a poder de leis e de decretos. Um político novo opera por infiltração, renovando lentamente os

---

<sup>76</sup> LIMA, Jaime de Magalhães – Actualidade do liberalismo. *Arquivo do Distrito de Aveiro*. Aveiro: Francisco Ferreira Neves. Vol. 35, nº 137 (1969), p. 34.

elementos velhos, eliminando gradualmente os elementos nocivos. Não há, não pode haver mutações rápidas de cenário, de actores e de situações. E é exactamente porque se desconhece esta verdade, aliás incontestável, que o pessimismo tem entre nós tão bons adeptos.<sup>77</sup>

Estamos perante ideias amadurecidas, explanadas num escrito de 1897<sup>78</sup>, no qual pretende analisar criticamente a passagem de Oliveira Martins pela governação, condenando-lhe a estratégia, mas não o pensamento com o qual se identifica e se identificou na altura desses acontecimentos, pois, como vimos, Magalhães Lima não regateou o seu apoio ao programa da «Vida Nova». Anos depois, escrevendo no décimo sexto aniversário da morte de Oliveira Martins<sup>79</sup>, será mais compreensivo em relação às tergiversações políticas do «filósofo», assumindo a nova atitude com a humildade de quem evolui

no correr dos anos, corrigindo, emendando, acrescentando e suprimindo, à medida que a jornada pelo mundo e a feição dos tempos nos esclarecem e aconselham, mos-

---

<sup>77</sup> LIMA, cit. 68, p. 218.

<sup>78</sup> LIMA, Jaime de Magalhães – A influência de Oliveira Martins: «Os ideais de Oliveira Martins» de F. Diniz de Ayalla. *Tarde*. Lisboa. (2 Set. 1897). Publicado posteriormente em LIMA, cit. 68, p. 215-219.

<sup>79</sup> LIMA, Jaime de Magalhães – Oliveira Martins: O seu carácter. *O Porto*. Porto. (24 Ago. 1910) 1. Publicado posteriormente em LIMA, cit. 68, p. 229-238.

trando-nos pontos de referência até agora ignorados, aspectos novos anteriormente nem sequer suspeitados.<sup>80</sup>

A adesão de Jaime Lima ao programa da «Vida Nova», e posteriormente ao Franquismo e à dissidência regeneradora, prende-se com a sua ideia de liberalismo e a sua atitude anti-individualista. Se a sociedade é um organismo, ela necessita da ordem que estabelece a ligação entre todos os seus órgãos, cujo funcionamento harmónico é indispensável à paz social e à felicidade dos povos, porque

O indivíduo, ser social, estuda-se na História, no que foi, e, na sociedade, no que é. Como o naturalista estuda o animal na sua anatomia e filosofia e na sua evolução, na sua vida, relações e desenvolvimento de todos os seus membros e de todas as suas funções, o que estuda política estuda a sociedade tal qual é, tal qual foi, tal qual vive, estuda a sociedade na vida e relações presentes, no desenvolvimento histórico de todos os seus órgãos e de todas as suas funções.

Desagregando aquilo que era inseparável, considerando o indivíduo fora das suas relações com os outros indivíduos, quando estas mesmas relações constituem a sua substância como ser social, a teoria individualista punha de parte o primeiro elemento de estudo e partia duma falsa abstracção, que, necessariamente, havia de produzir todas as desgraçadas consequências práticas que realmente produziu.<sup>81</sup>

---

<sup>80</sup> LIMA, cit. 68, p. 230

<sup>81</sup> LIMA, Jaime de Magalhães – *Estudos sobre a literatura contem-*

O escritor aveirense rejeita os valores da nova sociedade burguesa, materialista e geradora de crescentes e gritantes desigualdades sociais, com novos senhores substituindo-se aos antigos, e o novo-riquismo promovendo a subversão dos valores que, desde sempre, tinham alimentado a coesão do tecido social:

Se houve épocas de ambições terrenas, foi o século XIX. Deixa-nos um espírito de ganância, de luta e aspereza na conquista dos bens do mundo, que sempre existiu, é certo, mas nunca se mostrou tão orgulhoso, principalmente tão isento de influências que o equilibrem. A santidade, significando desprendimento das riquezas e humildade da vida externa, nunca foi menos apetecida do que em nossos dias. Houve tempos em que abundavam guerreiros e heróis, acabando monges e eremitas; hoje, o heroísmo, depois de se revestir de medalhas, acaba rico e obeso, com boas e chorudas rendas, criadagem basta, regalos de toda a espécie.<sup>82</sup>

A rejeição do individualismo liberal tinha-a Jaime Lima bebido na Universidade, como atrás assinalámos. Por ali campeava a «lição filosófico-jurídica de Ahrens, discípulo de Krause»<sup>83</sup>, e a ideia corporativa com que Costa Lobo<sup>84</sup> pretendia sanar os excessos de individua-

---

*poranea*. Porto: Liv. Universal de Magalhães & Moniz, 1886. p. 11.

<sup>82</sup> LIMA (1902), cit. 22, p. 275.

<sup>83</sup> Ver CATROGA, cit. 7, p. 355 ss.

<sup>84</sup> Ver *supra*, p. 16-17.

lismo e promover a reorganização da sociedade. O convívio com Antero de Quental e Oliveira Martins, este último também influenciado pelo krausismo do belga Ahrens<sup>85</sup>, terá contribuído para cimentar o pensamento político de Jaime Lima, e também, ainda neste contexto, não podemos desprezar os contributos do franciscanismo e de John Ruskin<sup>86</sup>, bem como os escritos de António Serpa<sup>87</sup>, seu correligionário do Partido Regenerador.

A crítica limiana ao liberalismo ortodoxo incidia sobre diferentes aspectos das suas manifestações mundivivenciais. Na economia denunciava a duplicidade

que mal proclamava os seus propósitos democráticos de repartição equitativa da riqueza, logo achava razões excelentes para fazer medrar na indústria as aristocracias capitalistas absorventes, incomparavelmente mais despóticas que o feudalismo territorial de outras eras<sup>88</sup>;

na literatura a denúncia centrava-se na ambiguidade que lhe permitia manifestar-se

por um lado guindada em exaltações românticas de cabeleira ao vento e por outro regrada e pautada na pondera-

---

<sup>85</sup> Ver CATROGA, cit. 7, p. 363, nota 53.

<sup>86</sup> Ver supra, nota 2.

<sup>87</sup> Cf. LIMA, cit. 49, p. 29-32.

<sup>88</sup> LIMA, Jaime de Magalhães – *Camilo e a renovação do sentimento nacional na sua época*. Aveiro: Tipografia Progresso, 1925, p. 12

ção das formas clássicas, penteada e até sujeita a rigorosa tonsura<sup>89</sup>;

no campo ético insurgia-se contra uma moral

acautelada contra todos os extremos e tiranias de princípios únicos e para a qual os sete pecados mortais entravam a ser postos em simetria com as virtudes que os corrigem, de modo que a sua triste condição de réus não os vexasse demasiado, e virtudes e pecados pudessem sentar-se fraternalmente em o mesmo banco<sup>90</sup>;

por fim, censurava o vazio de uma

religião, ora alentando-se nos filtros vivificantes do espírito, ora abdicando, passiva e menos crédula, nas prisões mortais da letra, sempre oscilando entre a obediência divina do Senhor e as complacências com o mundo<sup>91</sup>.

Eram estes os compromissos do liberalismo, presentes igualmente na vida política, e era contra este «espírito de transigências e medianias»<sup>92</sup> que se levantava a voz do eremita do Vale do Sono, ferido na sua verticalidade e pesaroso perante os resultados de tal procedimento.

Jaime de Magalhães Lima entendia o liberalismo como um espaço «de respeito mútuo entre os homens»,

---

<sup>89</sup> Idem, cit. 89, p. 14.

<sup>90</sup> Idem, cit. 89, p. 15.

<sup>91</sup> Idem, cit. 89, p. 14-15.

<sup>92</sup> Idem, cit. 89, p. 13.

espaço de autonomia e de liberdade, liberdade de acção e de pensamento, incompatível com qualquer tipo de poder absoluto ou autocrático. Mas este espaço tinha uma alma, melhor dizendo, uma alma nacional, cerzida de laços familiares, de valores morais e de religião, que era preciso defender e perpetuar.<sup>93</sup> Daí a sua recusa de modelos transnacionais e o assacar de culpas à Revolução Francesa, acusada de responsabilidades na dissolução moral<sup>94</sup> e exprobrada pela exportação de valores e de sistemas políticos que pretenderam uniformizar

o direito e os costumes e a arte e a economia dos povos e das nações; à sua obediência sujeitando todo o modo de ser dos homens, individual ou colectivo.<sup>95</sup>

Perante tais premissas, não surpreenderá que Jaime Lima identifique o liberalismo corrupto e desviador com o período aberto pela Regeneração, ou que destaque, como pura, idealista e desinteressada

toda aquela soberba edificação liberal, em que tinham cooperado o génio portentoso de Herculano, a arte subtil de Garrett, a elevação moral dos Passos e os impulsos heróicos de José Estêvão, e o saber de Mouzinho, e a

---

<sup>93</sup> Idem, cit. 76, p. 32-33.

<sup>94</sup> Idem, cit. 82, p. VI.

<sup>95</sup> Idem, cit. 76, p. 34.

austeridade de D. Pedro V, e a escola de Rodrigues Sampaio.<sup>96</sup>

É que, por estas paranças, estávamos ainda no primeiro Romantismo, e os valores, a arte, as raízes e as políticas permaneciam nacionais, respeitavam a idiossincrasia portuguesa, não tinham sido corrompidas pela aculturação posterior.

## *2.2. Nação e nacionalismo*

O século XIX foi, na Europa, um período de emulações nacionalistas, ao sabor da afirmação dos diferentes sistemas liberais que sustentaram as vitórias burguesas, os processos de industrialização e a crescente concorrência nas trocas internacionais.

A teorização da ideia moderna de Nação encontra-se já nos *Tratados* de John Locke<sup>97</sup>, publicados antes de completado o século XVII, e continuará a estruturar-se no decorrer da centúria de Setecentos, acolitando as campanhas iluministas de uma contra-elite intelectual, oriunda da pequena e média burguesias, fortemente crí-

---

<sup>96</sup> Idem, cit. 89, p. 18.

<sup>97</sup> LOCKE, John – *Two Treatises of Government*, 1690.

tica do Estado Absoluto e da «sociedade de corte»<sup>98</sup>. Paradoxalmente, ou talvez não, foram as contradições do Absolutismo e do Despotismo Iluminado que criaram as condições da afirmação burguesa e prepararam as revoluções fundadoras dos regimes demo-liberais.

A Nação moderna, o Estado-nação, foi o corolário das grandes transformações ocorridas na sequência da Revolução Industrial que arrancou milhões de europeus à autarcia rural e à pequena pátria paroquial, generalizando as novas relações sociais de produção, reverberadas na lenta proletarização do pequeno campesinato e na correspondente separação entre produtores e meios de produção. Falamos, naturalmente, do capitalismo industrial e financeiro, realidade complexa que, entre outros fenómenos sociais e económicos, inclui a revolução dos transportes, o crescimento urbano e o êxodo rural, o urbanismo e a explosão demográfica. Foi esta nova formação social que subverteu e destruiu as bases da velha «sociedade de Corte», ao mesmo tempo que deslocava os centros de decisão do campo para a cidade, uniformizando o espaço nacional e fazendo emergir novos grupos sociais cuja maior visibilidade se revelava no aumento do número de funcionários e empregados,

---

<sup>98</sup> Sobre a desestruturação da «sociedade de corte» veja-se: ELIAS, Norbert – *A Sociedade de Corte*. Trad. de Ana Maria Alves. 2.ª ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1995. 1.ª edição: 1987.

mas também na proliferação de profissionais liberais, impelidos para uma crescente escolaridade e ávidos de arremedar, à sua dimensão, os hábitos das grandes famílias burguesas. É neste quadro que as novas elites, de raiz burguesa, vão lentamente sobrepujando as elites aristocráticas, afirmando o Estado parlamentar e integrando a massa dos excluídos das sociedades pré-industriais.

A Nação moderna será uma construção da cultura urbana e burguesa, erigida durante o século XIX com ladrilhos de história, língua, espaço e Estado, elementos que, frequentemente, demoraram tempo a afeiçoar antes de receberem a argamassa popular que os agregou. Assim, a Espanha tinha história, ou talvez histórias, espaço e Estado, mas línguas e culturas diversificadas; a França revolucionária descobre que apenas quinze das suas oitenta e cinco províncias falam o francês do aparelho do Estado e dos intelectuais parisienses; a Itália unifica-se espacialmente, mas Alessandro Manzoni<sup>99</sup> viu-se forçado a reinventar o toscano de Dante, matriz burguesa do futuro italiano nacional que, em 1861, é falado por menos de três por cento da população transalpina; a Alemanha pretende-se Nação, mas o conceito apenas

---

<sup>99</sup> Alessandro Manzoni (1785-1873) teve um papel decisivo na unificação linguística italiana, não só através da sua obra literária, mas também ensaística (*Dell' unità della lingua e dei mezzi di diffonderla*, 1868).

exprime a ideia transnacional de um mosaico de Estados e de uma língua cerzida de dialectos que uma forte propaganda romântica, de regresso à Idade Média, prepara para a unificação, dirigida pela batuta do maestro prusiano. Os exemplos poderiam multiplicar-se e estender-se por quase todo o mapa do velho continente, mostrando como era ainda artificial a maioria dos Estados-nações, mais produtos de vontades de elite que sentires objectivos reconhecidos pelas comunidades.<sup>100</sup>



Portugal assume uma verdadeira singularidade e especificidade no cenário europeu oitocentista<sup>101</sup>, porquanto, sendo um pequeno País, conseguiu resistir à

---

<sup>100</sup> Ver SCHULZE, Hagen – *Estado e nação na história da Europa*. Lisboa: Editorial Presença, 1997. Passim e p. 161 ss.

<sup>101</sup> Hagen Schultze, ao longo de mais de trezentas páginas do seu *Estado e Nação na História da Europa* (Ver nota anterior), mostra total ignorância face à realidade e especificidade portuguesa. Em toda esta obra, Portugal surge de raspão em três linhas (?), para repetir a estafada e insustentável teoria que rejeita o epíteto de fascista ao Estado Novo de Salazar. Não sabemos onde foi o autor recolher tão «original» conclusão, já que, nas suas cerca de duzentas e cinquenta referências bibliográficas não encontramos um único autor português. Schultze parece estribar a sua opinião no exílio do fascista Rolão Preto, medida salazarista que, pelos vistos, é suficientemente marcante para separar o regime autoritário, corporativo, antiparlamentar, anticomunista e unipartidário de Salazar, do regime autoritário, corporativo, antiparlamentar, anticomunista e unipartidário de Mussolini...

força centrípeta de Castela e construir, mas também preservar, as mais antigas fronteiras da Europa e uma língua única a adubá-las. Isto não significa, contudo, a plena realização do espaço nacional, porque Portugal não logrou evitar a amputação de parte da sua identidade antropocultural, a que demorava na Galiza e foi absorvida pelo reino castelhano, na turbamulta político-militar das contingências históricas.

Esta particularidade portuguesa permitiu, desde muito cedo, que, como afirma José Mattoso, se tenha passado

quase insensivelmente [...] de uma concepção do país como um conjunto de pessoas e terras sobre as quais o rei exercia autoridade, ao de comunidade com a sua própria consistência, qualquer que fosse o rei que o governasse.<sup>102</sup>

Mas o pensamento, a ideia de comunidade nacional, acima das autarcias senhoriais ou municipais, tardará a descer e alargar-se a todo o povo, mesmo considerando os variados momentos da história que viram levantar-se a nação contra o inimigo externo. A Nação de que falamos é outra, é burguesa e liberal, pressupõe a participação popular nos destinos da comunidade nacional e a

---

<sup>102</sup> MATTOSO, José – *Identificação de um País: Ensaio sobre as origens de Portugal. 1096-1325*. 1.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1985. vol. 2, p. 203.

existência de um aparelho de Estado que, pelo menos teoricamente, uniformize o espaço nacional na Lei e no Direito, seja ele público ou privado.

O caminho para esta Nação abre-se, em Portugal, com a Revolução de 1820 e os documentos constitucionais de 1822 a 1911, mas também com a acção das elites que hasteiam as bandeiras das comemorações de centenários<sup>103</sup>, ou reforçam as dimensões simbólica e existencial da identidade cultural e social portuguesa. A construção da nação moderna portuguesa deve muito à primeira geração romântica, a homens como Almeida Garrett, José Estêvão ou Alexandre Herculano que, entre muitos outros, estiveram na primeira linha do combate à repressão miguelista, viveram exílios em França ou na Inglaterra e regressaram mais tarde, em 1832, desembarcando no Mindelo e pelejando pela liberdade até à derrota absolutista de 1834.

Desbravados os primeiros trilhos, outras gerações assumirão a continuidade do legado, tarefa difícil e morosa, cerceada que foi pelo atraso estrutural do país e pelos diferentes interesses em jogo. É que, não o esque-

---

<sup>103</sup> Registem-se, entre outras e a título de exemplo, as acções e propaganda em torno de celebrações como as do 3.º centenário da morte de Camões (1880), do 1.º centenário da morte do Marquês de Pombal (1882), do 5.º centenário do nascimento do Infante D. Henrique (Porto, 1894) e do 4.º centenário do descobrimento do caminho marítimo para a Índia (Lisboa, 1899).

çamos, a Revolução de 1820 foi mais um grito de revolta contra a presença dos ingleses e a ausência da Corte no Brasil, que um ponto de chegada da evolução capitalista ou do amadurecimento económico e social de Portugal.

Será neste quadro que tentaremos uma aproximação ao pensamento de Jaime de Magalhães Lima, procurando retirar dos seus escritos a argumentação que sustentou a sua ideia de identidade nacional e inscrevendo-a na vida cultural portuguesa e europeia.

### *2.2.1. A Nação portuguesa*

Uma das preocupações primordiais do Romantismo consistiu em legitimar a ideia de Nação na Idade Média, porque, ao fazê-lo, legitimava a própria burguesia, cabouqueira da nação moderna e também do municipalismo medievo, o único espaço de liberdade usufruído pelo povo no mundo senhorial. Recusando a ideia renascentista que entroncava Portugal na Lusitânia e os Portugueses nos Lusitanos, Alexandre Herculano<sup>104</sup>,

---

<sup>104</sup> HERCULANO, Alexandre – *História de Portugal*. Lisboa, 1846. vol. 1.

como depois Oliveira Martins<sup>105</sup>, apostam na tese política das raízes medievais que, nas respectivas leituras, se quedavam no Condado Portucalense do conde D. Henrique.

Jaime Lima não seguiu Herculano nem Oliveira Martins, apesar da grande admiração que tinha pelo primeiro e da amizade que o ligava ao segundo. Outros foram os que, neste campo, o inspiraram, e não era reduzida a plêiade de investigadores que buscavam, nos finais do século XIX e início do XX, compreender e estudar as origens nacionais. Jaime Lima irá acompanhar os ensinamentos de Leite de Vasconcelos<sup>106</sup>, Martins Sarmiento<sup>107</sup>, Júlio Moreira<sup>108</sup> e Silva Correia<sup>109</sup>, entre muitos outros, mas sobretudo seguirá as teses explanadas por Alberto Sampaio n' *As Vilas do Norte de Portugal*<sup>110</sup>, recusando a ideia herculaniana do erma-

---

<sup>105</sup> MARTINS, Oliveira – *História de Portugal*, 1879.

<sup>106</sup> José Leite de Vasconcelos (1858-1941), etnólogo e filólogo de renome, uma das principais autoridades no estudo da língua portuguesa.

<sup>107</sup> Francisco Martins Sarmiento (1833-1899), arqueólogo que dedicou grande parte das suas investigações à cultura castreja do noroeste da Península.

<sup>108</sup> Júlio Moreira (1854-1911), filólogo autor dos *Estudos da Língua Portuguesa*, 1907-1913, 2 vol.

<sup>109</sup> João da Silva Correia (1891-1937), linguista, doutorou-se em 1929 e foi catedrático da Faculdade de Letras de Lisboa de 1930 até à sua morte prematura.

<sup>110</sup> SAMPAIO, Alberto – *Estudos Económicos: I. As vilas do norte de Portugal*. Lisboa: Editorial Vega, 1979. (Documenta Historica; nº 2).

mento total e fazendo recuar a formação da «raça» portuguesa à romanização.

Mas importa abrir aqui um parêntese, para destacar que o conceito de «raça» tem, em Jaime de Magalhães Lima, uma carga étnica e anti-racista, por demais presente quando afirma que

As raças serão tanto mais elevadas quanto mais elevada for a soma das faculdades e capacidades adquiridas por legado e contacto de outras raças, juntando-se à antiguidade e volume do cabedal próprio de cada uma. [...] Raças superiores serão as que mais desafogadamente se mesclarem com outras raças e nelas recompuserem o sangue.<sup>111</sup>

Nesta mesma obra faz suas as palavras de um autor inglês, de que transcreve a seguinte passagem:

«Devemos lembrar que as raças humanas todas [se] podem cruzar livremente, e se separam, misturam e ligam como se nuvens fossem. As raças humanas não ramificam como as árvores, em braços que nunca se ajuntam. [...] Usa-se a palavra raça com a maior leviandade e sobre ela fundamos as mais absurdas generalizações. Falamos de uma raça "britânica" ou de uma raça "europeia", mas quase todas as nações da Europa são uma

---

<sup>111</sup> Ver LIMA, Jaime de Magalhães – *Os povos do Baixo Vouga*. Ílhavo-Murtosa: Câmaras Municipais de Ílhavo e Murtosa, 1968 [publicado pela primeira vez em 1926], p. 89.

uma mistura, confusão de castanho, e preto e branco, e branco e elementos mongólicos». <sup>112</sup>

### Como dizia Sampaio, as *vilas* romanas

foram um dos principais pontos de apoio da romanização: e unindo moralmente os trabalhadores, deram a cada grupo a coesão necessária para mais tarde se converter em molécula social. <sup>113</sup>

Esta «molécula social», sobre a qual repousaria a freguesia rural da medievalidade, corresponde em Alberto Sampaio aos alicerces do seu organicismo, partilhado também por Jaime Lima. A governação germânica ter-se-ia limitado a continuar a romana, principal responsável pela identidade cultural do ocidente ibérico, ao fornecer a língua, as instituições e os valores que argumasaram a grei:

E assim a *freguesia rural* — molécula fundamental da sociedade portuguesa, foi uma criação espontânea popular, nascida das relações seculares entre os cultivadores de um mesmo prédio ou vizinhos, remontando ao tempo em que Roma ensinou aos habitantes das cidades as suas leis e a sua civilização. <sup>114</sup>

---

<sup>112</sup> WELLS, H. J. — *A short history of the World*. Londres: The Labour Publishing, 1924. p. 46, apud LIMA (1968), cit. 112.

<sup>113</sup> SAMPAIO, cit. 111, p. 112.

<sup>114</sup> Idem, cit. 111, p. 65.

Sem ignorar os povos da primitiva Ibéria, valorizava-se a civilização romana, já que

A romanização, apagando a língua, os costumes e o direito indígenas, criou uma nova sociedade. É o período da grande e definitiva civilização.<sup>115</sup>

É pois aqui que tudo começa, porque uma Nação é sobretudo uma alma, e uma alma só existe com um povo, e um povo só comunica com uma língua:

Não data de Afonso Henriques a fundação de Portugal. É romana. O que neste lugar da Ibéria havia de pré-romano foi inteiramente absorvido pela romanização, e, facto capital, essa romanização manteve-se na continuidade dos tempos, mal e escassamente se modificando, sem perda essencial, para suportar as conjunturas a que o tumulto político a sujeitou [...].<sup>116</sup>

A Nação é para Jaime Lima uma realidade cultural complexa, feita de território, povo, língua e religião, elaborada com doses iguais de emoção e razão e profundamente caldeada na história, o que, de certa forma, justifica a sua preferência pelo conceito «pátria» que ele envolve numa auréola religiosa:

---

<sup>115</sup> Idem, cit. 111, p. 177.

<sup>116</sup> LIMA, Jaime de Magalhães – *Alberto Sampaio e o significado dos seus estudos na interpretação da história nacional na sua época*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento, 1924. p. 43

A Pátria é uma paisagem, o Chão e quanto o reveste, desde o musgo das pedras até ao píncaro da montanha; e uma Raça, o povo que veio a acarinhar esse Chão, a interrogar-lhe o desejo e a servi-lo; e a Língua, um canto que envolve o Chão e a Raça e no seu eco abrange toda a latitude e todo o hemisfério; e a Crença, a aspiração que confunde o Chão, a Raça e a Língua no Imutável e no Perfeito a que os transporta.<sup>117</sup>

Esta Nação limiana não se identifica com o Estado-nação liberal, antes parece opor-se-lhe e confundir-se com uma estética da Natureza que ultrapassa as fronteiras nacionais e mergulha na humanidade<sup>118</sup>. Para Jaime Lima a diversidade do mundo é a sua riqueza, e a própria nação, na sua unidade, alimenta-se também de diferenças<sup>119</sup>, diferenças que podem ser cerzidas no Estado, mas não negadas por ele.

O ideário limiano é, neste ponto, bem mais tradicionalista que liberal, embora estas duas ideologias se cruzem frequentemente num mesmo pensador, ao longo de boa parte da centúria de Oitocentos. A ordem natural não é, para Jaime Lima, uma ordem económica, girando em torno dos mecanismos que alimentam o capitalismo, mas sim o resultado do evolover do processo histórico,

---

<sup>117</sup> LIMA, cit. 23, p. 152.

<sup>118</sup> Cf. LIMA, cit. 22, p. 216-220.

<sup>119</sup> Cf. LIMA, cit. 82, p. 182.

engolfado nas raízes rurais e na terra dos antepassados, a terra do pão e das árvores<sup>120</sup>:

Tão ávida de luz como as aves e tão firme na terra como a rocha, a árvore é altíssimo apóstolo, entre os mais altos, do mistério que liga aos céus a criação mortal. Toda a grandeza física, toda a energia hercúlea, e toda a violência caridosa, os angélicos voos de bondade, ali se reuniram e identificam, conjugados no mesmo arrojo olímpico e benéfico. A habitação, a sombra, a chama, a flor e o fruto; a força gigantesca que, induzindo a raiz na penedia, a desagrega como a ferro e fogo; a graça ondedante e alada de folhagem, vivendo à beira de água e namorando-a; o ataúde, o berço e a nau ligeira, que corre sobre os mares de pólo a pólo e liga continentes afastados, para ensinar aos homens mútuo amor e os desprender de ódios de raça e instintos de combate; harmonias de desenho e forma e cor nos troncos e nos lenhos de veias caprichosas enlaçadas — os infinitos modos de existência terrena e anseio eterno, todos nos dá a bênção do arvoredo.<sup>121</sup>

A visão organicista da Nação fá-lo partilhar de outras ideias, também caras ao tradicionalismo europeu, mas igualmente presentes em correntes anti-individualistas de certos liberais, como sejam os temas da associação

---

<sup>120</sup> A metáfora da árvore foi muito utilizada pelo tradicionalismo do século XIX, aparecendo com frequência em escritores e pensadores como Chateaubriand, Taine, Barrés, Maurras, Malraux, Saint-Exupéry, etc. Ver TOUCHARD, Jean, dir. — *História das Ideias Políticas*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1970, vol. 5, p. 110-111.

<sup>121</sup> LIMA, cit. 67, p. 159.

natural, local e profissional, contemplando, respectivamente, a família, o regionalismo e o corporativismo. A sua ligação ao tradicionalismo descobre-se igualmente na temática moral e, durante algum tempo, aquando da sua intervenção política e cívica, na crença do papel das elites e da ordem, ainda aqui recobertas pelo manto da ética e da moral cristã e longe, muito longe, da manipulação autoritária e antidemocrática que posteriormente sofreram:

São os videntes, e não os cézares, que resgatam a Pátria. A Pátria alimenta-se numa Bíblia, não se funda num discurso, nem se contrata numa alfândega, nem se prescreve por editais.<sup>122</sup>

A Pátria de Jaime Lima volta as costas ao Estado liberal, insurgindo-se contra o mimetismo português no decalque das instituições francesas, que fez tábua rasa da identidade cultural e da idiosincrasia nacional, impondo o império da Razão aos ditames da História e promovendo a aculturação artística, social e política.<sup>123</sup> A verdadeira Pátria estava na «grei», palavra menos ambígua que «povo», porquanto

---

<sup>122</sup> LIMA, cit. 23, p. 153. A frase, sendo de 1923, ganha um significado acrescido, bastando lembrar que um ano antes, na sequência da «Marcha sobre Roma», Mussolini subira ao poder.

<sup>123</sup> Cf. LIMA, cit. 89, p. 26 ss.

O uso de uma ou outra destas expressões importa um movimento profundo da consciência histórica: por uma corrupção alimentada em divisões aristocráticas de diversa origem, «povo» significava para o vulgo uma classe, a aglomeração das plebes, opondo-se, em regra, ao poder das individualidades e das oligarquias, e esta errada concepção da substância humana das nações corrigimos nós pelo uso da palavra «grei», não significando esta uma classe ou indício da condição social de agrupamento, mas, muito pelo contrário, exprimindo a incorporação de todas as classes em uma unidade homogénea, da qual o nascimento e a vida das nações é apenas reflexo e palpação.<sup>124</sup>

A Nação não se constrói, como dizia Oliveira Martins, com as espadas dos barões ambiciosos. O que amalgama a grei é a língua, esse veículo unificador deixado pelos Romanos,

a mais poderosa das energias imponderáveis, a maior força de coesão que une os homens, a mais profunda das comoções que vitalizam e fundem em comunidade os elementos humanos de uma nação. As armas e todas as demais forças mortíferas congéneres serão apenas na formação das nações um gesto ineficaz de ruindade, se, precedendo as armas, a língua não conquistou e juntou por identidade de afectos o que o político se propôs agremiar pelo peso da coacção. Porque a língua só por simpatia insinua, não conhece outro medianeiro entre a realidade, subentende um movimento de consubstanciação por força de homogeneidade; e o aço que prevalece

---

<sup>124</sup> LIMA, cit. 117, p. 84.

fugazmente por divisão pressupõe fronteiras hostis, duas margens que ele é incapaz de reunir, porque reunir é a negação da sua natureza essencial.<sup>125</sup>

A unidade nacional alicerça-se na «unidade da língua»<sup>126</sup>, não a língua dos gramaticões, de cerviz dobrada à norma urbana «de certa sapiência escolar aristocrática, empertigada e afinal ignorante»<sup>127</sup>, subversora da liberdade que «anda a monte pelas serras e pelos povoados distantes que de longe em longe esmaltam os montes ermos»<sup>128</sup>, mas a língua do povo, com sua riqueza e variedade, falares que exprimem a alma particular de cada rincão, vozes de polifonia que teimam «em cantar a canção dos avós»<sup>129</sup>:

Aqui, onde nasci e tenho vivido, falam dialectos diferentes, no espaço de meia dúzia de léguas, Aveiro, Ílhavo e Murtosa. Cada uma dessas terras canta a seu modo, em diversíssima música, a linguagem, e cada uma forma uma família distinta, independente, com carácter próprio

---

<sup>125</sup> Idem, cit. 117, p. 124.

<sup>126</sup> Jaime Lima defende esta causa já em 1923 (LIMA, cit. 23, passim), sete anos antes de Jaime Cortesão fazer outro tanto. Ver: CORTESÃO, Jaime – *Os factores democráticos na formação de Portugal*. 3.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1978, p. 43-57. (A primeira publicação deste ensaio data de 1930)

<sup>127</sup> LIMA, Jaime de Magalhães – *Dificuldades étnicas e históricas da insinuação do nacionalismo na arte portuguesa contemporânea*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1931, p. 22.

<sup>128</sup> Idem, ibidem.

<sup>129</sup> Idem, cit. 23, p. 37.

em tudo e por tudo, desde o traje à concepção dos fins da vida humana, com sua psicologia singular incorruptível, suas diferentes aspirações, diferente modo de ser e existir, diferente modo de amar a terra, e Deus, e os homens.<sup>130</sup>

Algumas vezes, quando fala da «Nação», Jaime Lima parece contradizer-se, embora a incongruência seja apenas aparente, pois o conceito tem, no escritor aveirense, dois sentidos: umas vezes confunde-se com a ideia de «Pátria», outras aproxima-se mais de Estado-nação, de grupo politicamente organizado, na esteira da tradição vintista.<sup>131</sup> Jaime Lima desvaloriza esta última acepção, afastando-se, também neste ponto, do ideário liberal, e, assumindo explicitamente o desvio, socorre-se da oposição cidadão/provinciano, colocando no primeiro a nação-organismo político e no segundo a nação-povo. Aqui radicam, na sua opinião, as diferentes reacções à profunda crise política, social e económica de Portugal: os «cidadinos», o Portugal urbano e aculturado, porque vêem na «Nação» o organismo político, olham o futuro com pessimismo; os «provincianos», o

---

<sup>130</sup> Idem, cit. 23, p. 36.

<sup>131</sup> Para as diferentes cargas semânticas das palavras «nação» e «pátria», no período vintista, ver VERDELHO, Telmo dos Santos – *As palavras e as ideias na Revolução Liberal de 1820*. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1981, p. 198-204.

Portugal rural e genuíno, porque identificam a «Nação» com o povo, são optimistas como ele<sup>132</sup>, já que,

quando a nação acabar, ficam ainda cinco milhões de portugueses, homens sadios e belos, trabalhadores, sóbrios, duma maravilhosa organização moral, amoráveis, resignados, almas de poetas com eternos amores, cantos de sublime saudade que em todo o mundo não têm iguais. E eu creio nesse povo, na sua resistência, na sua grandeza, nos seus destinos. Foi conduzido por maus pastores à escravidão; mas não se perverteu. Aspirações e energia conservam-se intactas, puras.

Ora aqui tem onde vou enxertar o meu optimismo, já agora inabalável, enquanto não me mostrarem que o povo português é diferente do meu juízo e que ainda na escravidão pode haver maior dignidade e grandeza do que numa corrompida independência.<sup>133</sup>

Percebe-se agora o seu amor pela natureza, na senda de Ruskin e Tolstoi<sup>134</sup>, a importância que atribui à arte popular e de raiz popular<sup>135</sup>, e o entusiasmo com que nos fala da obra de Camilo, Ramalho Ortigão, Lopes Vieira ou Correia de Oliveira<sup>136</sup>. Tudo se deve ao valor da tradição, porque, se ela abrange «todo o modo de ser individual e social, não lhe será indiferente o Estado, a

---

<sup>132</sup> Cf. LIMA, cit. 22, p. 163-168.

<sup>133</sup> Idem, cit. 22, p. 167.

<sup>134</sup> Idem, cit. 22, p. 215.

<sup>135</sup> Idem, cit. 128, passim.

<sup>136</sup> Idem, cit. 68, passim.

Igreja e a Família em todo o largo espaço das suas múltiplas actividades.»<sup>137</sup>

Não tiremos, no entanto, conclusões precipitadas. A tradição limiana, sustentáculo da sua «pátria-nação», não se realiza numa visão redutora de conservantismo, que ignore o evoluer do processo histórico, antes, à maneira comteana, concilia ordem e progresso, estática social e dinâmica social, uma ordem imutável e uma renovação e actualização permanentes,

Porque a tradição é como a árvore: ao fim de alguns anos poderá não ter uma só partícula das substâncias em que veio à luz e tomou corpo, ou, pelo menos, se a tem, não a conservará no estado primitivo da nascença; cresceu, alargou-se, desfez-se de muitos ramos secos, desprendeu-se de muitos musgos e líquenes que a envolviam e cobriam, e todavia, não sendo igual um só dia ao que fora no dia anterior, sendo antes uma negação radical do conservantismo, a imagem duma mobilidade incansável, perpetuamente variando, mantém, por milagre da sua aspiração, uma identidade ininterrompida, é uma e a mesma quando tinha um ano e quando teve cem anos, quando tinha uma polegada e quando teve dez braços.<sup>138</sup>

---

<sup>137</sup> Idem, cit. 68, p. 50.

<sup>138</sup> Idem, cit. 68, p. 49-50.

### 2.2.2. *O nacionalismo de Jaime Lima*

O breve quadro que acabámos de esboçar, tentando retratar a ideia limiana de «nação», afasta, à partida, qualquer conotação extremista de nacionalismo. Com efeito, faria pouco sentido que um acérrimo defensor da diversidade, seja ela cultural ou étnica, entendida como pressuposto indispensável da unidade nacional, não continuasse coerente com este pensamento quando ultrapassava as fronteiras da Pátria. Omnipresente, a sua mundividência católica, servida por verdadeira religião de amor, aponta-lhe claramente o caminho, já que

a transfusão da vida nacional na catolicidade romana não importa mutilação da Pátria. A grandeza de uma nação não está nem poderá estar no inventário e na história das singularidades pelas quais se aparta dos outros povos; antes dependerá do diverso grau em que o seu espírito se integrou na civilização e principalmente do carácter e nobreza dessa civilização.<sup>139</sup>

O nacionalismo limiano pretende-se, acima de tudo, organizador da grei, enquanto privilegia os valores e vivências nacionais, na Natureza e no Povo, e constitui uma verdadeira essência do *Volksgeist*, não se fechando nas fronteiras do País, mas realizando-se na Humanidade, no *Weltgeist* que, em Jaime Lima, não tem

---

<sup>139</sup> Idem, cit. 117, p. 67.

contornos hegelianos, pois não corresponde à hegemonia do espírito de um determinado povo num dado momento do processo histórico, antes à soma harmónica do espírito de todos os povos unidos pela religião, porquanto

a honra e glória dos povos dominados pelo patriotismo será não calcar a terra estranha sem a veneração que nos inspira a entrada em morada alheia, onde sabemos que respiram afectos tão nobres como os nossos; e as fronteiras dessa nova pátria, subsistindo sempre, de contínuo se alargam e confundem à medida que se espraia o amor que a rege.<sup>140</sup>

Estamos perante um pensamento eclético, resultado de um percurso e de uma reflexão pessoal que soube, um pouco por toda a parte, colher os frutos mais próximos do seu sentir e da sua sensibilidade democrática e religiosa. As raízes do seu nacionalismo aproximam-no da primeira geração romântica e levam-no a rebelar-se contra os posteriores desvios xenófobos e imperialistas do final de Oitocentos, defendendo que

a tendência dos povos [...] é a abolição da antiga pátria inflamada em ódio contra os estranhos. Dominado pelo sentimento de fraternidade, o povo detesta esse patriotismo de avareza e disputa, conduzindo à guerra por meio de armas de fogo, tarifas alfandegárias e exclusão

---

<sup>140</sup> Idem, cit. 64, p. 132.

de raças. Se sobrevive à sua extinção real e mantém aparências de vitalidade, deve-o somente ao interesse de homens e classes que exploram o trabalho humano e, na cegueira da ambição de bens e mando, conservam a arte de juntar os mansos em exércitos, precipitando-os em lutas mortíferas.<sup>141</sup>

Talvez esteja aqui uma das razões que levaram Jaime Lima a não aceitar o lugar de secretário-geral da Liga Patriótica, embora a ela tenha aderido: uma coisa são as ideias defendidas por Antero, outra seriam as acções desencadeadas pela heterogeneidade das adesões.

O nacionalismo de Jaime Lima corresponderá, por isso mesmo, a um culto da alma nacional, a um nacionalismo literário, artístico e das tradições populares, recorrendo a um certo historicismo de matriz ética e estética que procura fundar na sociedade rural e nos valores que a enformam, longe do consumismo e do cosmopolitismo urbano, aqui claramente na pegada de Tolstoi e John Ruskin:

O nosso nacionalismo estético anda domiciliado nas cidades, é urbano, cultiva-se na cidade; e o nacionalismo, para se nutrir de alimento consentâneo, tem forçosamente de ser rural. No fundo, o nacionalismo é, em primeiro lugar, a expressão da afeição à terra e às criações que a terra gera; nas calçadas, pelas quais usamos

---

<sup>141</sup> Idem, cit. 64, p. 130.

espalhá-lo nas cidades, morre à míngua de chão onde entranhe as raízes. Além de que a cidade é, pela condição da latitude do seu comércio, inevitavelmente internacional: o mercado a edificou, e a essência e sobretudo a grandeza do mercado, por não dizer o seu ponto de honra, consiste em ser abastecido por muitas vias, e acumular, ligar e fundir as diversas actividades e variantes de que essas vias são as artérias túmidas e latejantes.<sup>142</sup>

Haverá premissas limianas que parecem aproximá-lo de Maistre e Bonald, os corifeus franceses da contra-revolução, mas as ilações de Jaime Lima apontam sempre em sentido inverso e, nesse campo ideológico, poderíamos considerá-las antinacionalistas. Algumas vezes parece aproximar-se de Michelet, na emoção com que rodeia a Pátria, nos temas da sua poesia em prosa, e também quando comunga com o escritor francês da ideia de uma pátria que seja «iniciação necessária à pátria universal»:

O nacionalismo que, considerando a pátria um campo fechado por sentinelas possuídas de desconfiança, afere o patriotismo pelo desejo e capacidade de apreender os bens do mundo e alcançar primazias de força material, esse patriotismo aniquilou-o um largo sentimento de responsabilidade numa missão de amor perante Deus e a natureza. Ao dissolver-se, se meditamos serenamente o passado, parece-nos uma inquietação de demência. Foi a

---

<sup>142</sup> Idem, cit. 128, p. 15-16.

vaidade, o orgulho, e tantas vezes o simples capricho de imperar, representados por um chefe ou por um bando que sacrificava o povo ao seu interesse egoísta e cruel; para o animar à luta enlouquecia-o com visões de glória, nas quais uma espécie de embriaguez lhe fizesse esquecer a repugnância a deixar o trabalho, a paz e o lar, atraíndo o amor que lhe enchia o peito. Esse patriotismo esvai-se, por fortuna da humanidade inteira.<sup>143</sup>

Opondo-se a qualquer tipo de imperialismo, nasça ele à direita ou à esquerda, arremessa o látigo contra a corrupção dos ideais patrióticos, «os seus desvarios e crimes», os seus «temores, ódios e egoísmos»<sup>144</sup>, assacando a estes desvios e à ambição capitalista as causas da I Guerra Mundial. É que, se à direita se pede «Deus, Pátria e Rei», e à esquerda se exige «Liberdade, Igualdade e Fraternidade»,

podemos estar certos de que de cada lado não se apuram algumas centenas de homens que vejam Deus no mesmo altar, que amem na pátria as mesmas feições, que dêem ao rei o mesmo trono, que encerrem a liberdade nos mesmos limites, repartam pela mesma medida a igualdade e sintam pelo mesmo coração a fraternidade.<sup>145</sup>

É este o nacionalismo de Jaime Lima, amante e defensor dos valores nacionais quanto respeitador e

---

<sup>143</sup> Idem, cit. 64, p. 131.

<sup>144</sup> Idem, cit. 49, p. 61.

<sup>145</sup> Idem, cit. 49, p. 19.

amante das diferenças do *outro*, tudo argamassando num cristianismo franciscano e das origens, e passando ao lado das correntes católicas e ultramontanas de Oitocentos. Nesta Europa conturbada, quem mais dele se aproxima é Mazzini, mas os dois pensadores apenas se encontraram em 1914, quando Jaime Lima o descobre através de publicações inglesas, «poucos dias após a declaração da guerra»<sup>146</sup>.

### *2.3. Democracia e sistema representativo*

O anti-individualismo limiano, de que atrás falámos, ressalta também na sua ideia de democracia, como igualmente no que entende dever ser o funcionamento das suas instituições, acompanhando de perto o pensamento de Antero de Quental e Oliveira Martins, e corporalizando os pressupostos que o levam a defender a reforma da legislação eleitoral e a aderir aos projectos da «Vida Nova» e do Franquismo. Para Jaime Lima, crítico do sufrágio universal carreado pelo *Contrato Social* de Rousseau, «a democracia não pode reduzir-se ao nivelamento de direitos políticos e riqueza»<sup>147</sup>, mas

---

<sup>146</sup> Idem, cit. 49, p. 142 e 143-144 nota 1.

<sup>147</sup> Idem, cit. 22, p. 269, nota 1.

deverá, sobretudo, apostar na formação do povo para a cidadania, promovendo o culto das virtudes cívicas e da «consciência da responsabilidade» indispensáveis a um «uso benéfico da liberdade»<sup>148</sup>.

A aversão pelo sufrágio universal, apanágio elitista de muitos intelectuais de Oitocentos, é, em J. Lima, a consequência da análise da vida política portuguesa e internacional, mas, sobretudo, o corolário do seu ideário organicista. Repugna-lhe a igualdade de voto, em cidadãos desiguais na cultura, na instrução e no carácter, mas enojam-no mais os jogos políticos que instrumentalizam o voto e adulteram os desideratos da representação que, desta forma, deixa de reflectir os interesses da colectividade, para satisfazer as conveniências e caprichos do novo «feudalismo político» e «dos marquesados eleitorais»<sup>149</sup>. O que se passava em Portugal verberou-o Jaime Lima em muitas páginas dos seus ensaios, e também dos seus romances:

Chegada a eleição, o liberalismo de Garrido compensou a pobreza de eleitores. Para inteira liberdade da urna, logo de manhã, as patrulhas de cavalaria varreram o povo das ruas em redor da igreja; pelo dia adiante, um serviço de polícia bem feito deu em resultado que só fossem reconhecidos eleitores, para terem acesso à urna, os

---

<sup>148</sup> Idem, cit. 22, p. 269, nota 1.

<sup>149</sup> Idem (1888), cit. 40, p. 16.

amigos do governo [...]. Glória ao liberal que assim honrava as nobilíssimas tradições da sua família!<sup>150</sup>

Mas, atento ao que se passa no mundo, não deixa de se estribar noutras experiências, denunciando-lhes as imperfeições:

A nação mais democrática do Mundo, ou pelo menos apontada como tal, os Estados Unidos, é o melhor exemplo da significação que tem o direito de votar; ali o voto é uma mercancia como o algodão ou os cereais, o poder é para quem mais souber capitalizar. Por isso não será temeridade afirmar que o sufrágio universal «torna-se na prática a base natural duma verdadeira tirania».<sup>151</sup>

O que está em causa não é a democracia orgânica, mas a democracia do número, esta última a casar dois conceitos incompatíveis para quem vê a comunidade como um «verdadeiro organismo social», cuja sobrevivência não poderá depender da vontade egoísta ou instrumentalizada da cada célula, mas sim da acção concertada de todos os órgãos. É este o princípio em que também estriba a necessidade do Estado, o qual, cabeça desse organismo, incapaz de subsistir como corpo acéfalo<sup>152</sup>, está sujeito a obrigações e condutas que se identi-

---

<sup>150</sup> LIMA, Jaime de Magalhães – *Na paz do Senhor*. Coimbra: Typographia França Amado, 1903. Romance. p. 189-190.

<sup>151</sup> LIMA (1888), cit. 40, p. 16.

<sup>152</sup> Idem (1890), cit. 40, p. 606.

fiquem com o bem comum e não com o das oligarquias possidentes. E porque se erige

a corrupção em sistema político, na descrença de todo o sentido nobre e de todo o móbil de acção que não seja um sórdido e insaciável egoísmo<sup>153</sup>,

e porque nunca esteve em causa a necessidade e justeza da democracia ou do sistema representativo, levantava-se, a Jaime Lima, o problema da representação ideal, capaz de conviver com o sufrágio universal, com os direitos políticos adquiridos, «embora [os eleitores] tanta vez tenham usado esses direitos em prejuízo da sociedade», pois retirá-los «seria levantar uma agitação perigosa» e desnecessária<sup>154</sup>.

Em 1888, quando J. Lima escreve pela primeira vez sobre esta temática<sup>155</sup>, não apresenta qualquer solução para o problema, nem acredita em qualquer terapêutica capaz de esvaziar o sufrágio universal do vírus da corrupção, e de pôr a vontade popular a exprimir-se em inteira liberdade:

Suponhamos, porém, que este vício é susceptível de correcção, suponhamos que o sufrágio universal chega um

---

<sup>153</sup> Idem (1888), cit. 40, p. 34.

<sup>154</sup> Idem (1890), cit. 40, p. 610.

<sup>155</sup> LIMA, Jaime de Magalhães – *A democracia: estudo sobre o governo representativo*. Porto: Liv. de A.J. da Silva Teixeira, 1888.

dia a funcionar em perfeita liberdade. A hipótese é irrealizável porque a liberdade implica a concorrência e, dada esta, os ambiciosos e os partidos surgem imediatamente nas suas diligências de colheita. Mas, se fosse possível que o sufrágio popular funcionasse em plena liberdade, não teríamos nele uma garantia de progresso, porque é sabido quanto o espírito popular é, em regra, adverso às transformações que o progresso científico indica. Há mesmo certa oposição entre a democracia e a ciência.<sup>156</sup>

O grande problema, que é necessário ultrapassar, reside no conflito entre o particular e o geral, entre o individualismo e os interesses da sociedade, do «organismo social». A questão será objecto de troca de correspondência com Antero de Quental<sup>157</sup>, também ele preocupado em encontrar uma saída orgânica e democrática, e que lhe comunica as suas próprias incertezas:

Confesso-lhe que não me parece isso cousa que se resolva do pé para a mão, nem creio que tamanha obra dependa simplesmente da aceitação de certas doutrinas. As da representação *adequada e efectiva* da nação, dos seus órgãos naturais e não de entidades abstractas. Acho-a perfeita e é há muito a minha. Mas como dar consciência, a esses órgãos, da sua realidade e autonomia? por meio da lei? mas a lei é impotente para isso, impotente para criar seja o que for naquela esfera profunda que só

---

<sup>156</sup> LIMA (1888), cit. 40, p. 16.

<sup>157</sup> Sobre o assunto conhecem-se duas cartas de Antero para J. Lima, datadas de Vila do Conde, de 5 e 22/5/1888. Ver: RAMOS, cit. 16, p.13-18; tb. SAMPAIO, cit. 16, p. XXIV-XXVII.

depende da espontaneidade social. Creio que é questão de tempo, de evolução lenta e surda dessa tal espontaneidade. Porventura será necessário que a desagregação social vá ainda muito mais longe, chegue até àquele ponto em que a existência da mesma sociedade pareça ameaçada, para se dar então a reacção.<sup>158</sup>

Jaime Lima aclarará algumas das dúvidas de Antero, a crermos na resposta deste que, indo mais fundo e colocando novas questões, tem sempre, como pano de fundo, a perspectiva organicista do todo social:

Presta-se a sociedade actual, ou não se presta, a essa reorganização? e, por conseguinte: quais são os elementos que a condicionam? – É no exame desta segunda questão que se me oferecem graves dúvidas. Porque aquelas duas interrogações podem ser transformadas nesta outra: *Quer* a sociedade actual reorganizar-se? Sem essa *vontade* toda a obra legislatória é vã, pois tudo quanto é orgânico pressupõe um princípio interno ou força vital, único que dá plasticidade às transformações do organismo.<sup>159</sup>

Dois anos depois, quando a Liga Patriótica agonizava antes de titubeados os primeiros passos, Jaime Lima publicava, na revista de Eça de Queirós<sup>160</sup>, o seu

---

<sup>158</sup> Carta de Antero de 5 de Maio de 1888. RAMOS, cit. 16, p. 14; SAMPAIO, cit. 16, p. XXV.

<sup>159</sup> Carta de Antero de 22 de Maio de 1888. RAMOS, cit. 16, p. 17; SAMPAIO, cit. 16, p. XXVI.

<sup>160</sup> *Revista de Portugal*, publicação literária, científica e noticiosa,

trabalho sobre «A reforma administrativa e a democracia»<sup>161</sup>, procurando responder às hesitações e perplexidades levantadas por esta questão, que vinha a ser discutida entre Antero e Oliveira Martins desde antes de 1878<sup>162</sup>, ano em que este último publicou *As Eleições*, e que ganhava agora mais acuidade, com a aproximação da entrada da «Vida Nova» na governação.

Nos considerandos deste último trabalho, Jaime Lima entende que a igualdade, na sociedade demoliberal portuguesa, não lograra ainda ultrapassar a esfera do direito civil, continuando os resquícios do Antigo Regime a toldar «o trato de indivíduo a indivíduo» e a não se mostrar, «nas instituições e nas relações políticas», «a justa partilha dos direitos e responsabilidades políticas». Isto é, «o governo do povo pelo povo», bandeira de todas as revoluções democráticas, estava longe de constituir uma realidade de facto, não se concretizando além do espaço formal delimitado pelo articulado dos códigos jurídicos. O problema não era apenas nacional, e ele tinha-o ainda há pouco constatado, aquando da sua longa viagem pela Europa, porquanto

---

dirigida por Eça de Queirós e editada por Lugan & Genelioux, sucessores de Ernest Chardon. Publicou-se no Porto de 1 de Julho de 1889 a 1892. Jaime Lima tem diversa colaboração nesta revista, para além da direcção da secção «Ideias e Factos».

<sup>161</sup> LIMA (1890), cit. 40.

<sup>162</sup> Veja-se CATROGA, cit. 7, p. 360 ss.

Ao poder absoluto dos reis substituíram-se governos absolutos de toda a espécie, entre os quais avultam pela frequência ditaduras militares, oligarquias capitalistas ou mesmo híbridos destes dois géneros como agora sucede no Brasil. Um legítimo governo representativo, a expressão dos interesses e da vontade de um país regulando a administração do estado, é raro se porventura existe. Todavia, se não me iludo, essa representação é a condição inalterável da riqueza, da prosperidade e da segurança de uma nação.<sup>163</sup>

Portanto, a objectivação de uma democracia de facto, alargada a todas as esferas da sociedade, dependia, principalmente, da qualidade do sistema representativo. O problema, já afluído em 1888, colocava-se na resposta a duas questões fundamentais: «qual deverá ser a base da representação», e «por onde aferir a capacidade» do cidadão, chamado «a intervir directamente nos negócios públicos». A resposta à primeira passava pela resposta à segunda que, perante a rejeição do sufrágio universal, já que o voto individual nada significava ou representava em termos de relações sociais, ficava reduzida ao campo do «censo» e da «instrução», barómetros das capacidades administrativa e intelectual. Mas, porque reconhece limitações a estes barómetros, já que

---

<sup>163</sup> LIMA (1890), cit. 40, p. 605.

o censo é simplesmente uma presunção de fortuna, não tendo coisa alguma de comum com as aptidões políticas e consagrando arbitrariamente o privilégio de uma oligarquia de ricos com exclusão do resto da nação<sup>164</sup>,

outro tanto acontecendo com a instrução, pois

um sábio de primeira ordem pode ser um mau eleitor, um operário pode tornar-se um excelente eleitor. Tudo depende de saber a que se aplica o seu voto e em que condições o vai dar<sup>165</sup>,

Jaime Lima logrará ultrapassar este imbróglio, avançando com a distinção entre «a eleição» e «a representação», porque

Em teoria, estas duas noções de representação e da eleição são todavia absolutamente distintas. Podemos, com a eleição directa, ter mandatários que em nada representam a opinião de todos os votantes: podemos, com a representação de colectividades de interesses, obter um corpo representativo fiel e sincero, posto que poucos eleitores tenham tido parte no voto.<sup>166</sup>

É este o percurso dialéctico que o transporta ao organicismo corporativo, na esteira de Krause e Costa Lobo<sup>167</sup>, pretendendo, com o seu contributo, «não [...]

---

<sup>164</sup> Idem (1890), cit. 40, p. 608.

<sup>165</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>166</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>167</sup> Ver *supra*, p. 16-17 e 38.

criar uma sociedade nova mas apenas reorganizar uma sociedade existente»<sup>168</sup>, pois, como já acima vimos<sup>169</sup>, a sua ideia de acção transformadora é reformista e não revolucionária. A proposta limiana confinava o sufrágio universal à eleição das Câmaras Municipais que deixariam de superintender na organização do recenseamento eleitoral, no lançamento de impostos e na discussão do orçamento concelhio. Estas atribuições revertiam para um novo órgão, o Conselho Municipal, instituição corporativa que deveria representar, onde fosse possível, os «três principais agentes da vida social»: a *terra*; o *capital e o trabalho*; o *saber*<sup>170</sup>. Destes agentes corporativos sairia «a câmara dos pares convertida numa legítima representação de classes»<sup>171</sup>, enquanto ao conjunto das câmaras e conselhos municipais caberia a eleição das Juntas Gerais dos Distritos e da Câmara de Deputados.

Aos olhos contemporâneos, percorrido que foi um longo caminho nas sociedades democráticas, a proposta limiana aparece-nos coxa e contraproducente, nomeadamente quando vemos os corpos eleitorais das representações da «terra» e do «capital e trabalho» serem outorgadas, respectivamente, aos quarenta maiores con-

---

<sup>168</sup> LIMA (1890), cit. 40, p. 610.

<sup>169</sup> Ver supra, p. 35-36 e 53-54.

<sup>170</sup> LIMA (1890), cit. 40, p. 610-611.

<sup>171</sup> Idem, cit. 40, p. 613.

tribuintes de contribuição predial e industrial<sup>172</sup>. Não emitimos juízos de valor que, à distância, surgiriam sempre anacrônicos; limitamo-nos a dar-lhe voz e a registrar a bondade das suas intenções.

### 3. Conclusão

**P**ensando por si e respeitando os valores que arvorou, desde cedo, como seus, Jaime de Magalhães Lima passou a vida a ouvir os outros e a absorver intelectualmente os contributos que, em sua opinião, o enriqueciam. Mas só esses, que de imediato compartilhava, assumindo uma permanente intervenção cívica e não recusando companheiros de jornada, mesmo quando deles discordava. Crítico e lúcido, sacrificou muito de si próprio, da sua propensão para o recolhimento, para o estudo e para o convívio com a natureza, bastando-lhe para tal reconhecer a necessidade da mediação e a excelência das causas.

---

<sup>172</sup> Idem, cit. 40, p. 611.

Concordemos ou não com ele, participemos ou não do seu idealismo e religiosidade, dificilmente deixaremos de admirar a sua coerência, a elevação do seu pensamento e a coragem da sua actuação cívica. A justiça do seu carácter e a sinceridade dos valores democráticos que o inundavam ficam, pensamos nós, nas páginas que agora se encerram, mas, bem mais vivas e belas, repletas de humanidade, na sua vasta bibliografia hoje postergada e esquecida.

Quanto tumultuava, em Portugal, a ditadura militar, e pouco depois de Salazar abraçar a pasta das Finanças, Jaime Lima, discursando em Aveiro, nas comemorações do primeiro centenário da revolução de 1828, não deixava, mais uma vez e desassombradamente, de zurzir o autoritarismo, a ditadura e as agressões à liberdade:

O liberalismo é a vida fundada em liberdade na sua totalidade e indivisibilidade, por esse princípio guiando e aferindo a dignidade da cada qual — assim como o autoritarismo, que nos seus infinitos modos e dissimulações se opõe ao liberalismo e o aborrece, é a ablação radical da personalidade e do exercício da consciência, é a vida coada pela opressão e pela irresponsabilidade — à qual irresponsabilidade os sectários do autoritarismo chamam tranquilidade, doçura, quietação majestosa, ordem e disciplina, moeda corrente do mercado moral e político com que o despotismo usa embalsamar a aviltante pros-

tração sonolenta dos que por natural inércia se lhe submetem de boa mente e entre esses anestésicos se sonham no paraíso.<sup>173</sup>

*Aveiro, Julho de 1997*

---

<sup>173</sup> *Idem*, cit. 76, p. 32.

BIBLIOGRAFIA

- ABBAGNANO, Nicola – *História da Filosofia*. Trad. de António Ramos Rosa e António Borges Coelho. Lisboa: Editorial Presença, 1970. 14 vol. Tradução de: Storia della Filosofia.
- ABREU, Luís Machado de – Estética e ecologia no Portugal finissecular: A proposta de Jaime de Magalhães Lima. *Diacrítica: Revista do Centro de Estudos Portugueses*. Braga: Universidade do Minho. ISSN 0807-8967. N.º 6 (1991), p. 177-185. Existe separata.
- ABREU, Luís Machado de – Jaime de Magalhães Lima na Escola de Leão Tolstói. *Revista da Universidade de Aveiro / Letras*. Aveiro: Universidade. ISSN 0870-1547. N.º 4-5 (1987-1988), p. 225-244. Existe separata.
- ABREU, Luís Machado de – Leituras da cultura portuguesa. *Revista da Universidade de Aveiro / Letras*. Aveiro: Universidade. ISSN 0870-1547. N.º 12 (1995), p. 47-60.
- AZEVEDO, B. d. Almeida – *Esboço bibliográfico de Jaime de Magalhães Lima*. Costa do Valado [Aveiro], 1986. 149 p. Obra inédita, dactilografada.
- BEBIANO, Rui – O 1.º Centenário Pombalino (1882): Contributo para a sua compreensão histórica. *Revista de História das Ideias*. Coimbra: Instituto de História e Teoria das Ideias da Faculdade de Letras. vol. 4, tomo 2 (1982-1983), p. 381-428
- BURDEAU, Georges – *O Liberalismo*. Trad. de J. Ferreira. [Mem Martins]: Publicações Europa-América, [1980]. 268 p. (Biblioteca Universitária; n.º 22). Tradução de: Le Libéralisme, Seuil, 1979.
- BURKE, Robert – *O Drama de Tolstói*. Lisboa: Edições Mundo Cultural, [S.d.]. 30 p. (Cadernos de Cultura Popular; n.º 2).
- CAMPOS, Agostinho de – Na morte do justo. *Arquivo do Distrito de Aveiro*. Aveiro: Francisco Ferreira Neves. Vol. 2, n.º 5 (1936), p. 46-49.
- CATROGA, Fernando – Os caminhos polémicos da «Geração Nova». In MATTOSO, José, dir. – *História de Portugal*. 1ª ed. Lisboa: Círculo de Leitores, 1993. ISBN 972-42-0586-X. Vol. 5, p. 569-581.
- CATROGA, Fernando – Cientismo, política e anticlericalismo. In MATTOSO, José, dir. – *História de Portugal*. 1ª ed. Lisboa: Círculo de Leitores, 1993. ISBN 972-42-0586-X. Vol. 5, p. 583-593.
- CATROGA, Fernando – Ética e sociocracia: O exemplo de Herculano na geração de 70. *Studium Generale: Estudos Contemporâneos*. Porto: Centro de Estudos Humanísticos. N.º 4 (1982), p. 9-68.
- CATROGA, Fernando – Filosofia e sociologia: A ideia anterior de socialismo. *Vértice: Revista de Cultura e Arte*. Coimbra. Vol. 42, N.º 448 (Maio-Jun. 1982), p. 294-317.
- CATROGA, Fernando – Nacionalismo e ecumenismo: A questão ibérica na segunda metade do século XIX. *Cultura-História e Filosofia*. Lisboa: Centro de História da Cultura da Universidade Nova. Vol. 4 (1985), p. 419-463.
- CATROGA, Fernando – Nacionalistas e iberistas. In MATTOSO, José, dir. – *História de Portugal*. 1ª ed. Lisboa: Círculo de Leitores, 1993. ISBN 972-42-0586-X. Vol. 5, p. 563-567.

- CATROGA, Fernando – O problema político em Antero de Quental: Um confronto com Oliveira Martins. *Revista de História das Ideias*. Coimbra: Instituto de História e Teoria das Ideias da Faculdade de Letras. vol. III (1981), p. 341-520.
- CERQUEIRA, Eduardo – Evocação, com algumas breves recordações pessoais, de Jaime de Magalhães Lima. *Boletim da Associação de Defesa do Património Natural e Cultural da Região de Aveiro*. Aveiro: ADERAV. Vol. 1, n.º 10 (Dez. 1983), p. 15-18.
- CERQUEIRA, Eduardo – Homens e factos de Aveiro: Relance sobre uma prestimosa colectividade oitocentista. *Arquivo do Distrito de Aveiro*. Aveiro: Francisco Ferreira Neves. Vol. 37, n.º 146 (1971), p. 125 e 132.
- CERQUEIRA, Eduardo – Três cartas de reconciliação com Homem Cristo. *Arquivo do Distrito de Aveiro*. Aveiro: Francisco Ferreira Neves. Vol. 30, n.º 119 (1964), p. 161-167. Uma das cartas é de Jaime de Magalhães Lima.
- CHACON, Vamireh – A ideologia da geração de Eça. *Cultura-História e Filosofia*. Lisboa: Centro de História da Cultura da Universidade Nova. Vol. 4 (1985), p. 21-35.
- COELHO, António Borges – *Comunas ou Concelhos*. 1.ª ed. Lisboa: Prelo Editora, 1973. 218 p. (Cadernos de Hoje; n.º 13).
- COMPAGNON, Antoine – A hue et à dia. In RUSKIN, John – *Sésame et les Lys*. Bruxelles: Editions Complexe, 1987. ISBN 2-87027-197-2. p. 7-24.
- CORTESÃO, Jaime – *Os factores democráticos na formação de Portugal*. Pref. de Vitorino Magalhães Godinho. 3.ª ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1978. 271 p. (Obras Completas de Jaime Cortesão; n.º 1). O ensaio que dá o nome a esta obra foi publicado a primeira vez em 1930, na *História do Regime Republicano em Portugal*, vol. 1, p. 11-96.
- CRAVEIRO, E. Vaz – Um relance de olhar azul de Jaime Lima sobre a terra dos Ílhavos. *Arquivo do Distrito de Aveiro*. Aveiro: Francisco Ferreira Neves. Vol. 23, n.º 89 (1957), p. 35-45.
- CRISTO, António; GASPARGAR, João Gonçalves – *Calendário histórico de Aveiro*. Aveiro: Câmara Municipal, 1986. p. 102, 103, 104, 130, 138, 159, 161, 202, 240, 247, 250, 255, 299, 318, 371, 396, 410, 451, 487, 488-489 e 494.
- ELIAS, Norbert – *A Sociedade de Corte*. Trad. de Ana Maria Alves. 2.ª ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1995. 240 p. (Nova História; n.º 19). Tradução de: Die Höfische Gesellschaft. Darmstadt und Neuwied: Hermann Luchterhand Verlag, 1969. ISBN 972-33-1034-1.
- ELLEINSTEIN, Jean – Democracia, Partidocracia e a Europa. *Finisterra: Revista de Reflexão e Crítica*. Lisboa: Fundação José Fontana. ISSN 0871-7982. N.º 9 (1994), p. 77-85.
- EVANS, Ifor – *História da Literatura Inglesa*. Colab. de Bernard Bergonzi; trad. e notas de A. Nogueira Santos. 1ª ed. port. Lisboa: Edições 70, 1980. 469 p. (Signos; n.º 30). Tradução de: A Short History of English Literature, Penguin Books, 4ª ed., 1ª reimp. 1976; 1ª ed.: 1940.
- FONSECA, Fernando Taveira da – Elites e classes médias. In MATTOSO, José, dir. – *História de Portugal*. 1ª ed. Lisboa: Círculo de Leitores, 1993. ISBN 972-42-0586-X. Vol. 5, p. 459-477.

- GARDINER, Patrick – Teorias da história. Trad. e pref. de Vítor Matos e Sá. 3ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1984. 679 p. Inclui um pequeno estudo e excertos da obra de Tolstói: p. 203-227.
- GASPAR, João Gonçalves - *Aveiro: Notas históricas*. Aveiro: Câmara Municipal, 1983. p. 15-16, 145-146 e 147.
- GELLNER, Ernest – *Nações e nacionalismo*. Trad. de Inês Vaz Pinto; rev. cient. Manuel Villaverde Cabral. 1ª ed. Lisboa: Gradiva, 1993. 210 p. (Trajectos; n.º 18). Tradução de: Nations and nationalism, 1983. ISBN 972-662-287-5.
- GRANDE ENCICLOPÉDIA Portuguesa e Brasileira. Lisboa-Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, [1935-1960]; 1981-1987. 40 vol. + 10 vol. actualiz.
- HERCULANO, Alexandre – *História de Portugal*. Lisboa: Ulmeiro, 1980. vol. 1.
- HOMEM, Amadeu Carvalho – O Liberalismo e a Democracia em Portugal: fundamentos teóricos e esboço de problematização. *Diacrítica: Revista do Centro de Estudos Portugueses*. Braga: Universidade do Minho. ISSN 0807-8967. N.º 6 (1991), p. 21-31.
- LAMEGO, José – Os Partidos Socialistas e a construção europeia. *Finisterra: Revista de Reflexão e Crítica*. Lisboa: Fundação José Fontana. ISSN 0871-7982. N.º 16 (1994), p. 27-52.
- LANSON, Gustave – *Histoire de la Littérature Française*. Paris: Librairie Hachette, [1946]. 1266 p. 1ª ed.: 1894.
- LEXICOTECA: *Moderna Enciclopédia Universal*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1984-1996. 21 vol.
- LIMA, Jaime de Magalhães – Actualidade do liberalismo. *Arquivo do Distrito de Aveiro*. Aveiro: Francisco Ferreira Neves. Vol. 35, n.º 137 (1969), p. 26-36.
- LIMA, Jaime de Magalhães – *Alberto Sampaio e o significado dos seus estudos na interpretação da história nacional na sua época*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento, 1924.
- LIMA, Jaime de Magalhães – *Alexandre Herculano*. Coimbra: F. França Amado, 1910. XXII-184 p.
- LIMA, Jaime de Magalhães – *O amor das nossas coisas e alguns que bem o serviram: Ramalho, Camilo, Eça, Antero, Oliveira Martins, Manuel da Silva Gaio, Lopes Vieira e Correa de Oliveira*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1933. 286 p.
- LIMA, Jaime de Magalhães – *Apóstolos da Terra*. Coimbra: Typographia França Amado, 1906. 236 p.
- LIMA, Jaime de Magalhães – Os «Arrêtos» e a condição psicológica dos povos que eles estremam. *Portucale: Revista Ilustrada de Cultura Literária, Científica e Artística*. Porto. Vol. 6, n.º 32 (Mar.-Abr. 1933), p. 64-67.
- LIMA, Jaime de Magalhães – *Camilo e a renovação do sentimento nacional na sua época*. Aveiro: Tipografia Progresso, 1925. 51 p. Conferência realizada na sala da Biblioteca do Liceu de Aveiro, em a noite de 16 de Março de 1925, durante a sessão solene promovida pelo corpo docente daquela casa de ensino em comemoração do primeiro centenário do nascimento de Camilo Castelo Branco.
- LIMA, Jaime de Magalhães – Caminhos e atalhos do poeta e da sua arte. *Portucale: Revista Ilustrada de Cultura Literária, Científica e Artística*. Porto. Vol. 5, n.º 26-27 (Mar.-Jun. 1932), p. 107-112.

- LIMA, Jaime de Magalhães – As canções populares portuguesas e a piedosa oferenda que o senhor Armando Leça lhes votou. *Portucale: Revista Ilustrada de Cultura Literária, Científica e Artística*. Porto. Vol. 4, n.º 22 (Jul.-Ago. 1931), p. 198-205.
- LIMA, Jaime de Magalhães – Catolicidade do provérbio. *Portucale: Revista Ilustrada de Cultura Literária, Científica e Artística*. Porto. Vol. 5, n.º 30 (Nov.-Dez. 1932), p. 250-252.
- LIMA, Jaime de Magalhães – *Côro dos Coveiros*. Porto: Edições Ilustradas Marques Abreu, 1923. 53 p. Poemas; inclui retrato do autor em similigravura dos ateliers Marques Abreu.
- LIMA, Jaime de Magalhães – O culto da flor e dos jardins da Inglaterra. *Arquivo do Distrito de Aveiro*. Aveiro: Francisco Ferreira Neves. Vol. 30, n.º 117 (1964), p. 3-16.
- LIMA, Jaime de Magalhães – *A democracia: estudo sobre o governo representativo*. Porto: Liv. de A.J. da Silva Teixeira, 1888.
- LIMA, Jaime de Magalhães – *Dificuldades étnicas e históricas da insinuação do nacionalismo na arte portuguesa contemporânea*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1931. 108 p.
- LIMA, Jaime de Magalhães – *Divagações de um Terceiro: S. Francisco de Assis e a civilização que ele concebeu e professou*. Prefácio de D. João de Lima Vidal; posfácio de Margarida de Magalhães. Aveiro: Câmara Municipal, 1957. 123 p. Apêndice com bibliografia do autor por José Pereira Tavares.
- LIMA, Jaime de Magalhães – *Entre pastores e nas serras*. Pref. e rev. de Aníbal Ramos. [Aveiro]: Portucel, 1986. 127 p.
- LIMA, Jaime de Magalhães – *Estudos sobre a literatura contemporânea*. Porto: Liv. Universal de Magalhães & Moniz, 1886.
- LIMA, Jaime de Magalhães – Fecundidade das relíquias. *Arquivo do Distrito de Aveiro*. Aveiro: Francisco Ferreira Neves. Vol. 1, n.º 1 (1935), p. 5-8.
- LIMA, Jaime de Magalhães – *A guerra: Depoimentos de herejes*. Coimbra: F. França Amado, 1915. 173 p.
- LIMA, Jaime de Magalhães – *José Estêvão*. Coimbra: F. França Amado, 1909. XIV-166 p.
- LIMA, Jaime de Magalhães – *A língua portuguesa e os seus mistérios*. Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1923. 155 p.
- LIMA, Jaime de Magalhães – *Na paz do Senhor*. Coimbra: Typographia França Amado, 1903. 363 p. Romance.
- LIMA, Jaime de Magalhães – *Os povos do Baixo-Vouga*. Pref. de Fernando Magano; capa de David Cristo. Ílhavo-Murtosa: Câmaras Municipais de Ílhavo e Murtosa e Comissão de Turismo da Torreira, 1968. 95 p.
- LIMA, Jaime de Magalhães – Raízes da nacionalidade portuguesa e maternidade da sua civilização. *Portucale: Revista Ilustrada de Cultura Literária, Científica e Artística*. Porto. Vol. 4, n.º 19 (Jan.-Fev. 1931), p. 17-22.
- LIMA, Jaime de Magalhães – A reforma administrativa e a democracia. *Revista de Portugal*. Porto: Luga & Genelioux. Vol. 2, n.º 11 (Maio 1890), p. 604-613.
- LIMA, Jaime de Magalhães – *Reino da Saudade*. Coimbra: Typographia França Amado, 1904. 299 p. Romance.

- LIMA, Jaime de Magalhães – *Rogações de Eremita*. Porto: Casa Editora de A. Figueirinhas, [1910]. 123 p.
- LIMA, Jaime de Magalhães – *Salmos do Prisioneiro*. Coimbra: F. França Amado, 1915. 59 p.
- LIMA, Jaime de Magalhães – Um Justo. In SAMPAIO, Alberto [et al.] – *Anthero de Quental: In Memoriam*. Prefácio de Ana Maria Almeida Martins. 2ª ed. fac-similada. Lisboa: Editorial Presença e Casa dos Açores, 1993. ISBN 972-23-1668-0. p. 211-218. 1ª edição: Porto: Typographia Occidental, 1896.
- LIMA, Jaime de Magalhães – *Via Redemptora*. Coimbra: Typographia França Amado, 1905. 273 p.
- LIMA, Jaime de Magalhães – *Vozes do meu lar*. Coimbra: Typographia França Amado, 1902. 304 p.
- LOURENÇO, Eduardo – O despertar nacionalista na Europa. *Finisterra: Revista de Reflexão e Crítica*. Lisboa: Fundação José Fontana. ISSN 0871-7982. N.º 16 (1994), p. 7-14.
- LOURENÇO, Eduardo – Divagação anacrónica (ou ainda não). *Finisterra: Revista de Reflexão e Crítica*. Lisboa: Fundação José Fontana. ISSN 0871-7982. N.º 9 (1992), p. 99-113.
- LOURENÇO, Eduardo – Do nacionalismo como implosão da antiga ordem mundial. *Finisterra: Revista de Reflexão e Crítica*. Lisboa: Fundação José Fontana. ISSN 0871-7982. N.º 9 (1992), p. 7-11.
- LOURENÇO, Eduardo – *O Labirinto da Saudade*. 3ª ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, [1988]. 188 p. (Biblioteca Dom Quixote; n.º 3).
- LOURENÇO, Eduardo – *Ocasionais I: 1950-1965*. Lisboa: A Regra do Jogo, 1984. 119 p. (Ensaio; n.º 9).
- LUCENA, Manuel de – Uma leitura americana do corporativismo português. *Análise Social*. Lisboa: Gabinete de Investigações Sociais. 2ª série, vol. 17, n.º 66 (1981), p. 415-434.
- MAGALHÃES, Alfredo Coelho – *Evocação de Jaime de Magalhães Lima: Iniciação à leitura da sua obra*. Pref. de Carlos Coelho de Magalhães. [Aveiro]: Portucel, 1986. 29 p. Conferência realizada em 1941.
- MAGALHÃES, Joana Inês de Lemos Coelho – Luís de Magalhães: a sua evolução espiritual. *Arquivo do Distrito de Aveiro*. Aveiro: Francisco Ferreira Neves. vol. 25, n.º 99 (1959), p. 171.
- MAIA, Francisco de Assis Ferreira da – Jaime de Magalhães Lima. *Arquivo do Distrito de Aveiro*. Aveiro: Francisco Ferreira Neves. Vol. 23, n.º 89 (1957), p. 5-22.
- MALPIQUE, Manuel da Cruz – Jaime de Magalhães Lima, pensador de raiz poética: Ensaio. *Arquivo do Distrito de Aveiro*. Aveiro: Francisco Ferreira Neves. Vol. 31, n.º 121, 122 e 123 (1965), p. 5-25, 97-116 e 178-194; vol. 32, n.ºs 125, 126 e 127 (1966), p. 3-21, 90-106 e 177-192.
- MARGARIDO, Alfredo – O eterno retorno dos nacionalismos. *Finisterra: Revista de Reflexão e Crítica*. Lisboa: Fundação José Fontana. ISSN 0871-7982. N.º 9 (1992), p. 13-36.
- MARGARIDO, Alfredo – Que Europa? A da Burocracia? A dos Cidadãos? *Finisterra: Revista de Reflexão e Crítica*. Lisboa: Fundação José Fontana. ISSN 0871-7982. N.º 16 (1994), p. 89-114.

- MARTINS, Guilherme d' Oliveira – O embaraço da encruzilhada: Ou uma reflexão em torno da ética da convicção e da ética da responsabilidade. *Finisterra: Revista de Reflexão e Crítica*. Lisboa: Fundação José Fontana. ISSN 0871-7982. N.º 9 (1992), p. 39-61.
- MARTINS, Oliveira – *História de Portugal*. Mem Martins: Publicações Europa-América, [1982]. 2 vol. (Livros de Bolso Europa-América; n.º 315 e 323). 1.ª edição: 1879.
- MATTOSO, José – *Identificação de um País: Ensaio sobre as origens de Portugal. 1096-1325. I. Oposição; II. Composição*. 1.ª ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1985. 2 vol. (Imprensa Universitária; n.ºs 45 e 46)
- MENDES, J. Amado – As camadas populares urbanas e a emergência do proletariado industrial. In MATTOSO, José, dir. – *História de Portugal*. 1.ª ed. Lisboa: Círculo de Leitores, 1993. ISBN 972-42-0586-X. Vol. 5, p. 493-499.
- MERÊA, Paulo – *História e Direito: Escritos dispersos*. Coimbra: Universidade, 1967. 2 vol. (Acta Universitatis Conimbrigensis).
- NAMORA, Fernando – Itinerário de Tolstoi: por ele próprio (excertos). *Vértice: Revista de Cultura e Arte*. Coimbra. Vol. 38, n.º 415 (Dez. 1978), p. 667-686.
- NEVES, Francisco Ferreira – Sebastião de Carvalho e Lima, aveirense notável. *Arquivo do Distrito de Aveiro*. Aveiro: Francisco Ferreira Neves. Vol. 27, n.º 106 (1961), p. 159-160.
- OLIVEIRA, Carlos Lobo de, sel. e compil. – *Jaime de Magalhães Lima*. Pref. do compilador. Lisboa: Edições Panorama / S.N.L., 1961. XII-159 p. (Páginas Portuguesas; n.º 34). Antologia de textos de Jaime de Magalhães Lima.
- PERES, Damião – *Como nasceu Portugal*. 7.ª ed. ver. Porto: Portucalense Editora, 1970. 125 p.
- PERFIL de Tolstoi. *Vértice: Revista de Cultura e Arte*. Coimbra. Vol. 35, n.º 372 (Jan. 1975), p. 72-80.
- POLICARPO, João Francisco de Almeida – Anteprojecto de um laicismo cristão. *Cultura-História e Filosofia*. Lisboa: Centro de História da Cultura da Universidade Nova. Vol. 4 (1985), p. 143-218.
- PROENÇA, Raul – *Acerca do Integralismo Lusitano*. Prefácio de Manuel Mendes. Lisboa: Edições Seara Nova, 1964. XIV-106 p.
- QUADROS, António – *A ideia de Portugal na literatura portuguesa dos últimos cem anos*. Lisboa: Fundação Lusíada, 1989. 301 p. (Coleção Lusíada).
- QUENTAL, Antero de – Cartas: a Jaime de Magalhães Lima. In SAMPAIO, Alberto [et al.] – *Anthero de Qental: In Memoriam*. 2ª ed. fac-similada. Lisboa: Editorial Presença, 1993. ISBN 972-23-1668-0. p. XXI-XXIX.
- RAMOS, Aníbal – Cartas de Antero de Quental a Jaime de Magalhães Lima segundo o texto original. *Arquivo do Distrito de Aveiro*. Aveiro: Francisco Ferreira Neves. Vol. 42, n.º 165 (1976), 2-23. Existe separata.
- RAMOS, Aníbal – Dr. Jaime de Magalhães Lima: No cinquentenário da sua morte. *Boletim Municipal de Aveiro*. Aveiro: Câmara Municipal. N.º 7 (Jun. 1986), p. 13-20.
- RAMOS, Aníbal – Leão Tolstoi, Jaime de Magalhães Lima, William B. Edgerton e o «Arquivo do Distrito de Aveiro». *Arquivo do Distrito de Aveiro*. Aveiro: Francisco Ferreira Neves. Vol. 42, n.º 167 (1976), p. 161-184. Existe separata.

- RAMOS, Aníbal – Luís de Magalhães: Aveirense de sangue e de coração. *Boletim Municipal de Aveiro*. Aveiro: Câmara Municipal. N.º 13/14 (Dez. 1989), p. 16.
- RAMOS, Aníbal – Prefácio. In LIMA, Jaime de Magalhães – *Entre pastores e nas serras*. [Aveiro]: Portucel, 1986. p. 7-13.
- RAMOS, Rui – A segunda fundação (1890-1926). In MATTOSO, José, dir. – *História de Portugal*. 1ª ed. Lisboa: Círculo de Leitores, 1994. ISBN 972-42-0586-X. Vol. 6.
- RIBEIRO, Orlando – PORTUGAL, FORMAÇÃO DE. In SERRÃO, Joel, dir. – *Dicionário de História de Portugal*. Porto: Iniciativas Editoriais / Livraria Figueirinhas, 1979. Vol. 5, p. 130-149.
- RIBEIRO, Orlando – *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico: Esboço de relações geográficas*. 4ª ed. rev. e ampl. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1986. 189 p. (Nova Universidade; n.º 13).
- RODRIGUES, António Simões, dir. – *História Comparada: Portugal, Europa e o Mundo. Uma visão cronológica*. 1ª ed. Lisboa: Círculo de Leitores, 1996. 2 vol. ISBN 972-42-1446-X.
- RODRIGUES, António Simões, coord. – *História de Portugal em datas*. Pref. de Luís Reis Torgal. 1ª ed. Lisboa: Círculo de Leitores, 1994. 480 p. ISBN 972-42-1004-9
- ROSA, Acácio – Em ronda pelo passado. *Arquivo do Distrito de Aveiro*. Aveiro: Francisco Ferreira Neves. vol. 8, n.º 32 (1942), p. 292-294 .
- RUSKIN, John – *Sésame et les Lys*. Trad. et notes de Marcel Proust; préf. de Marcel Proust: Sur la lecture; édit. et introd. d' Antoine Compagnon. Bruxelles: Editions Complexe, 1987. 317 p. (Le Regard Littéraire; n.º 10). ISBN 2-87027-197-2.
- RUSKIN [, John] – *Vós, os que julgais a Terra*. Introd. biobibliog. [de Agostinho da Silva]. Lisboa: Agostinho da Silva, 1941. 22 p. (Antologia / Introdução aos Grandes Autores; 2ª série [n.º 1]. Excerto de «Unto this Last», na tradução de Manuel Gião sob o título «As Fontes da Riqueza».
- SAMPAIO, Alberto – *Estudos Económicos: I. As vilas do norte de Portugal; II. As póvoas marítimas*. Pref. de Maria José Trindade. Lisboa: Editorial Vega, 1979. 2 vol. (Documenta Historica; n.º 2 e 3).
- SAMPAIO, Alberto [et al.] – *Anthero de Quental: In Memoriam*. Pref. de Ana Maria Almeida Martins. 2ª ed. Lisboa: Editorial Presença e Casa dos Açores, 1993. XLIII-527-XXI-xcvi-XXXVII p. Edição fac-similada da do Porto: Mathieu Lugan, 1896. ISBN 972-23-1668-0.
- SANTOS, João de Almeida – Democracia e renovação da esquerda. *Finisterra: Revista de Reflexão e Crítica*. Lisboa: Fundação José Fontana. ISSN 0871-7982. N.º 16 (1994), p. 117-132.
- SARAIVA, António José – *A Tertúlia Ocidental: Estudos sobre Antero de Quental, Oliveira Martins, Eça de Queiroz e outros*. 2ª ed. rev. Lisboa: Gradiva, D.L. 1996. 243 p. (Cultura & História / Público; n.º 9). Inclui um capítulo inédito. ISBN 972-662-475-4.
- SEABRA, José Augusto – Antero de Quental e a Liga Patriótica do Norte: O último acto cívico de um Poeta. In SEABRA, José Augusto – *Poligrafias Poéticas: Ensaios*. Porto: Lello & Irmão, 1994. ISBN 972-48-1665-6. p. 181-194.

- SARABANDO, João – Magalhães Lima. Imortal figura de Aveiro. *Boletim da Associação de Defesa do Património Natural e Cultural da Região de Aveiro*. Aveiro: ADERAV. Vol. 2, n.º 15 (Set. 1986), p. 37-38. Sobre os irmãos Sebastião e Jaime de Magalhães Lima.
- SCHULZE, Hagen – *Estado e nação na história da Europa*. Trad. de Maria Augusta Júdice e António Hall; pref. de Jacques Le Goff. 1ª ed. Lisboa: Editorial Presença, 1997. 330 p. (Construir a Europa; n.º 6). Dir. da colec.: Jacques Le Goff; tradução de: Staat und Nation in der Europäischen Geschichte. ISBN 972-23-2153-6.
- SECRETARIADO do Centenário, org. – *S. Francisco de Assis. Escritos, biografias, documentos: Fontes Franciscanas*. Braga: Editorial Franciscana, 1982. 1363 p. Edição comemorativa do 8.º centenário do seu nascimento.
- SÉRGIO, António – *Ensaio III*. 2ª ed. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1980. 313 p. (Clássicos Sá da Costa / Obras Completas de António Sérgio). Edição crítica orientada por Castelo Branco Chaves, Vitorino Magalhães Godinho, Rui Grácio e Joel Serrão e organizada por Idalina Sá da Costa e Augusto Abelaira.
- SÉRGIO, António – Jaime de Magalhães Lima: *A Língua Portuguesa e os seus mistérios*. In *Lusitânia: Revista de Estudos Portugueses*. Lisboa: Câmara Reis. Vol. 1, n.º 1 (Jan. 1924), p. 119-121. Publicado também em: – *Ensaio III*. 2ª ed. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1980, p. 243-246.
- SIMÕES, João Gaspar – *Perspectiva histórica da ficção portuguesa: Das origens ao século XX*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1987. p. 694-701.
- TAVARES, José – O monumento de Aveiro ao Dr. Jaime de Magalhães Lima. *Arquivo do Distrito de Aveiro*. Aveiro: Francisco Ferreira Neves. Vol. 23, n.º 89 (1957), p. 3-4.
- TAVARES, José – Um escritor e um apóstolo. *Arquivo do Distrito de Aveiro*. Aveiro: Francisco Ferreira Neves. Vol. 2, n.º 5 (1936), p. 50-56. Esboço biobibliográfico.
- TORGAL, Luís Reis – A instrução pública. In MATTOSO, José, dir. – *História de Portugal*. 1ª ed. Lisboa: Círculo de Leitores, 1993. ISBN 972-42-0586-X. Vol. 5, p. 609-651
- TORGAL, Luís Reis; ROQUE, João Lourenço, coord. – O Liberalismo. In MATTOSO, José, dir. – *História de Portugal*. 1ª ed. Lisboa: Círculo de Leitores, 1993. ISBN 972-42-0586-X. Vol. 5.
- TORGAL, Luís Reis Torgal – O tradicionalismo absolutista e contra-revolucionário e o movimento católico. In MATTOSO, José, dir. – *História de Portugal*. 1ª ed. Lisboa: Círculo de Leitores, 1993. ISBN 972-42-0586-X. Vol. 5, p. 227-239.
- TOUCHARD, Jean, dir. – *História das Ideias Políticas*. Trad. de Mário Braga e F.P.S.; notas de Mário Braga. Lisboa: Publicações Europa-América, 1970. 7 vol. Tradução de: Histoire des Idées Politiques, P.U.F., 1959.
- VARGUES, Isabel Nobre; RIBEIRO, Maria Manuela Tavares – Os Liberalismos. In MATTOSO, José, dir. – *História de Portugal*. 1ª ed. Lisboa: Círculo de Leitores, 1993. ISBN 972-42-0586-X. Vol. 5, p. 213-227.
- VAQUINHAS, Irene – O campesinato. In MATTOSO, José, dir. – *História de Portugal*. 1ª ed. Lisboa: Círculo de Leitores, 1993. ISBN 972-42-0586-X. Vol. 5, p. 479-491.

VAQUINHAS, Irene; CASCÃO, Rui – Evolução da sociedade em Portugal: A lenta e complexa afirmação de uma civilização burguesa. In MATTOSO, José, dir. – *História de Portugal*. 1ª ed. Lisboa: Círculo de Leitores, 1993. ISBN 972-42-0586-X. Vol. 5, p. 441-457.

VERDELHO, Telmo dos Santos – *As palavras e as ideias na Revolução Liberal de 1820*. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1981. 433 p. (Textos de Linguística; n.º 5).